

Júlio Campina

SUBSÍDIO
AO FOLCLORE
BRASILEIRO



MACEIÓ - 2024

JULIO CAMPINA

SUBSIDIO AO FOLK-LORE BRAZILEIRO

Anecdotas sobre caboclos e
portuguezes; lendas, contos e canções populares; etc.



CAPITAL FEDERAL

Papelaria Mendes, Marques & C.—Rua do Opívidor n. 38

1897

Sumário

AO LEITOR	06
ANEDOTAS SOBRE CABOCLO	08
Quem quer mentir confirma só	08
O caboclo e a rede	09
O caboclo teimoso	10
Para andar a pé o caboclo, cachorro e quem mais tem cavalo	11
O caboclo paroleiro	12
Nem o diabo lhe aguenta os azeites	13
Aguardente sem mistura	14
No tempo em que eu era vivo	15
Uma aposta de caboclo	16
Sem mel, sem cabaça	17
O caboclo e o penitente	18
Nem com um, nem com outro	19
O caboclo e o amo pachola	20
O caboclo poeta	21
O caboclo e o velho beato	21
Muita coisa quer meu amo	23
O caboclo e o filho mentiroso	23
Plano fagueiro de um caboclo	24
O caboclo e a imagem	25
Quando Deus formou o mundo	26
O caboclo narigudo	26
O caboclo domador e o filho	27
O caboclo e os poldros bravos	28
Mandai, Mãe de Deus	29
Arre!... ..	29

O caboclo namorador	30
O caboclo num sermão	31
Não tem rede e não tem casa	31
Se há de morrer de sucesso morra de desgraça	32
Inveja de um caboclo	33
Desejo de um caboclo	33
O capitão-mor e o filho do caboclo	34
Duvido!!! quero ver	35
Mata, judeu!....	35
Promessa de um caboclo	36
CONTOS, LENDAS E ANEDOTAS INÉDITAS	37
O rei dos destinos	37
O veado e o caranguejo	41
A ema e a raposa	42
O pato, o burro, o carneiro, o anum, o gato, o galo e o sapo	43
O cachorro, o bode, o gato, o porco e a onça	46
O negro fugido	48
Os três conselhos	50
Os serviços de Pedro Malasarte	54
A cobra e o imbuá	58
O cachorro, o gato e o rato	58
O carrapato	59
A garça preta	60
O melado	65
O gato escaldado	66
O português e os maribondos	68
CANTOS POPULARES	72
O ABC do vaqueiro	72
ABC do inverno nas matas	76
Fuja, povo do sertão	80
DESCRIÇÃO	85
A doação	85
BREVE OBSERVAÇÃO	90

AOS AMIGOS

Fructuoso Calaça
Pedro Cavalcanti de A. Pessoa
Joaquim Goulart de Andrade
Antonio Alves

Off
L. T. C. A.

AO LEITOR

Das viagens que há alguns anos fizemos em plagas sertanejas do norte da Republica, além das gratas reminiscências da nossa convivência com seus habitantes e da recordação das belezas desses lugares, resta-nos uma coleção, que conseguimos fazer, de um considerável número de canções, histórias da carochinha, lendas, profecias, superstições, ditados, rezas, de muitos dos assumptos, enfim, que dizem respeito ao nosso Folclore.

Neste campo imenso, onde têm exercitado a sua atividade abalizados mestres, como Couto de Magalhães, que iniciou o Folclore brasileiro em 1859, Celso de Magalhães, que publicou uma obra desse gênero em 1863, Sylvio Romero, Macedo Soares, José de Alencar, Araripe Junior, José Veríssimo, Koseritz, etc., etc., muito existe ainda que investigar. Assim, apesar da nossa incompetência, resolvemos publicar uma obra com os elementos que reunimos, dando de uma só vez à luz da publicidade o fruto de todas as nossas investigações.

Circunstâncias diversas, porém, têm adiado mais e mais o dia em que devíamos ver executado o nosso intento, e desta forma, afim de não serem completamente baldados os nos-

sos esforços, decidimos realizá-lo em várias publicações, começando pelas anedotas sobre caboclos.

Quem não haverá ainda, uma vez sequer, durante uma conversação amistosa e divertida, ouvido referir, com geral hilaridade, alguma das anedotas em que figura o caboclo, narrada muito a propósito do facto sobre que discorriam?

É dessas anedotas que se compõe a presente coleção.

O tipo que elas pintam e por meio da tradição imortalizam, é revestido de curiosas qualidades, muitas vezes antagônicas. O caboclo, segundo três anedotas, com a sua grande aptidão para companheiro de viagens e o notável apreço em que têm o álcool, é descrito ora como o tipo perfeito do ingênuo e do crédulo, ora como o do homem perspicaz e bem avisado; umas vezes como o tipo do ignorante, do supersticioso, do mentiroso, outras como o do providente, do desabusado, do amigo da verdade, etc.

É assim que sempre dele se lembram os nossos campônios e sertanejos em suas conversas, recordando as anedotas que a seu respeito são citadas.

Escrevendo estas, procuramos sempre fazê-lo com a linguagem apropriada e expressiva em que nos foram narradas. Não pôde ser, porém, um trabalho escoimado de defeitos o que ora apresentamos, e, sendo nós os primeiros a reconhecer-lo, muito nos alegraremos se mais tarde pudermos corrigir alguns, quando conseguirmos a publicação das demais tradições populares que havemos coligido.

Júlio Campina.

ANEDOTAS SOBRE CABOCLOS

(Alagoas e Pernambuco)

I

Quem quer mentir confirma só

Um indivíduo, regressando duma viagem que fizera em companhia dum caboclo, resolveu, para divertir-se, ir adiante contando casos fabulosos, devendo ir depois os confirmando o caboclo.

Aceitando este a incumbência, os dois separaram-se.

Encontrou-se o tal indivíduo com umas mulheres, e contou-lhes que três dias antes, numa vila por onde havia passado, tinha nascido um menino com sete braços.

Ficou sendo objeto de comentários esta notícia, e, quando chegou o caboclo, sendo lhe perguntado se também tinha visto a criança, ele respondeu logo que não, mas declarou que vira num quaradouro estendida uma camisinha com sete mangas.

Em vista desta afirmação do caboclo, julgaram provada a existência da tal criança, pois semelhante camisa devia ser dela.

Adiante, encontrando o citado viajante outras pessoas, contou-lhes que pela mesma vila tinha passado um pássaro tão grande, que a escureceu com a sombra das asas.

Chegando daí a pouco o caboclo, respondeu a interrogação que lhe fizeram, dizendo que não vira a ave, mas tinha visto cem homens, armados de levas ¹, estarem rolando um ovo para uma lagoa.

Este fato fez ser tida como exata aquela segunda notícia, pois semelhante ovo não podia ter sido posto senão pela mencionada ave.

Mais adiante contou ainda o viajante que vira atirar num boi e a bala pegar na cabeça e no mocotó.

Este facto deixou admirados e duvidosos a quantos o ouviram, que logo indagaram do caboclo, apenas este foi passando, si também havia presenciado isso, o que o fez ficar desta vez atrapalhado.

Por fim, depois de pensar, respondeu:

— O tiro eu não vi dar, mas podia a bala ter pegado quando o boi estava coçando a cabeça...

Dito isto, correu o caboclo a encontrar-se com o amo.

Quando o avistou, já estava ele pregando outra mentira a um sujeito.

O caboclo, esbaforido, gritou-lhe:

— Meu amo, quem quer mentir confirma só: caro me custou ajuntar cabeça com mocotó.

II

O caboclo e a rede

Um caboclo, grande apreciador da pinga, entrou numa venda com uma rede resolvido a negociá-la.

¹Espeques.

— Quanto queres pela rede? perguntou-lhe um freguês da casa.

— Dois mil réis, meu amo.

O pretendente, querendo comprar o objeto por muito menos, buscou embriagar o caboclo e ofereceu-lhe um copo de aguardente, que ele esvaziou dum trago.

Pediste muito, replicou em seguida o comprador. Dize o menos por quanto vendes a rede.

— Três mil réis, meu amo, respondeu o caboclo.

— Como pode ser isto, se já pediste dois?! Toma este outro copo de aguardente.

O segundo copo foi também esvaziado.

— Fala sério, caboclo! Por quanto deixas a rede?

— Já bebi o que queria, senhor meu amo. Agora não vendo mais.

E, saciado, o caboclo pôs a rede ao ombro e retirou-se, deixando logrado a quem o pretendia lograr.

III

O caboclo medroso

Passando uma tarde um caboclo por uma fazenda, aconselhou-lhe um vaqueiro que não continuasse a viagem nesse dia, por causa das onças que existiam, e que ultimamente estavam fazendo estragos no gado.

— Ora, ora! respondeu o caboclo. Eu não tenho medo de onça. E continuou a andar.

Adiante o vento tirou um som duma cabaça que ele conduzia nas costas.

O caboclo, que já ia se deixando dominar do receio de ser vítima, exclamou:

— Olhe! O diabo da onça já está roncando.

Pouco depois, de novo tirou o vento idêntico som da cabaça.
— O diabo da onça quer me pegar! disse o caboclo atemorizado.

E desatou a correr pela catinga.

Com a deslocação violenta do ar, mais forte e continuo se tornou o ruído que produzia a cabaça, e o caboclo, acreditando que a onça se aproximava, mais acelerava a corrida.

Mais adiante, porém, tropeçou e foi ao chão.

Convencido então de que já não se salvaria correndo, conservou-se deitado, disposto a dar prova do ânimo de que era capaz.

E pôs-se a exclamar, com a maior convicção e resolutamente:

— Come, onça! que comes filho de homem!...

IV

Para andar a pé caboclo, cachorro e quem
não tem cavalo

Certo indivíduo, tendo de fazer uma viagem para uma vila, convidou um caboclo para acompanhá-lo.

Não tendo o caboclo nenhum animal cavalar, partiu no dia ajustado a pé, acompanhado de um cão, e o viajante seguiu adiante a cavalo.

Depois de andar um pouco, o viajante fez uma parada. Julgava ele vir bastante distanciado o caboclo, quando, olhando para traz, viu-o perto com o cão ao lado.

Ficou um tanto admirado o viajante, e seguiu de novo. Havendo marchado durante o resto do dia um pouco mais ligei-

ro, parou em uma pousada, a fim de pernoitar.

Pouco depois chegaram o caboclo e o cão, o que aumentou a admiração do viajante.

Este, no dia seguinte, logo cedo, montou-se a cavalo e partiu com celeridade, só ao meio-dia parando para almoçar.

— Agora, pensou ele, o caboclo há de custar muito a chegar. E reclinou-se para descansar.

Com pequena demora, porém, apareceu-lhe o caboclo acompanhado do cão.

Desta vez foi grande a sua surpresa.

— Homem, exclamou, para andar a pé não há nada como caboclo e cachorro!

O caboclo ouviu e calou-se.

No terceiro dia aconteceu que, como era fraco, o cavalo cansou, e o viajante teve de continuar a viagem a pé, em companhia do caboclo.

Caminharam bastante e por fim avistaram a vila.

Quando já se achavam perto desta, o caboclo estava visivelmente satisfeito, E disse então ao viajante:

— Hein, meu amo?... Para andar a pé, não há nada como caboclo, cachorro e quem não tem cavalo!!

V

O caboclo paroleiro

Um fazendeiro, enfadado de ouvir falar incessantemente um caboclo muito paroleiro, disse-lhe:

— Caboclo, conserva-te calado durante uma hora que eu te dou o meu cavalo de sela.

— Pego na palavra, meu amo, respondeu o caboclo muito contente.

— Pois estejas calado a principiar de agora até decorrer uma hora, e o cavalo é teu.

O caboclo, ficou mudo. Alguns minutos depois, porém, via-se claramente que uma ideia trabalhava em seu cérebro. Ficou meditativo, como quem estava resolvendo um grave problema. Por fim, ainda não eram decorridos quinze minutos, perguntou:

— Mas, meu amo, eu ganho o cavalo já selado e enfreado?...

VI

Nem o diabo lhe aguenta os azeites

Um indivíduo, andando de viagem, teve de demorar-se algum tempo numa vila, e aí principiou a namorar com uma donzela, travando depois relações com o pai desta e lhe frequentando a casa.

Um dia foi convidado pelo pai da moça para aparecer em sua residência. Não se dispondo o namorado a aceitar desta vez o convite, disse a um caboclo que o acompanhava, que fosse lá e dissesse ao dono da casa que ele não podia ir porque estava muito ocupado com aprestos de viagem.

Ouvindo isto, perguntou o caboclo, que não o via ocupado com serviço nenhum:

— Mas, porque é, meu amo, que *vamicê* mesmo não vai?

— Eu não vou, caboclo, porque ele é muito bom, não se pouparia a incômodos para me obsequiar, e eu não quero incomodá-lo tanto.

— Isto agora é que me faz não pisar na casa! replicou o caboclo, desconfiado. Enquanto *vamicê* não gosta das suas bondades, nem o diabo lhe aguenta os azeites!

VII

Aguardente sem mistura...

Viajava um indivíduo em companhia dum caboclo, e chegaram à margem dum rio, que, em razão de abundantes chuvas que haviam caído, estava com grande correnteza.

Aí o caboclo mostrou-se bastante receoso de fazer a travessia, e o viajante ofereceu-lhe aguardente a fim de animá-lo.

— Meu amo, disse então o caboclo, esta aguardente é boa?

— Porque pergunta isto, caboclo?

— Pergunto, respondeu o companheiro do ofertante, porque não há nada no mundo que me faça querer na barriga aguardente com água!

— Podes beber, que esta aguardente não tem mistura de espécie alguma.

Em seguida a estas palavras, o caboclo bebeu mais de quarteirão.

Pouco depois o amo perguntou-lhe:

— Então, caboclo, ainda tens medo?

— Não, meu amo. Eu não tenho medo!

— Muito bem. Pois entra na canoa.

— Agora isto é que nem por nada...

— Por que razão, caboclo?

— Porque, se eu cair no rio, a aguardente que tomei se mistura com água na minha barriga!

VIII

O caboclo e a locomotiva

Conversando um sujeito com um caboclo, disse-lhe que o rápido movimento das locomotivas é produzido pela água e o fogo.

O caboclo ficou bastante admirado.

— Estás duvidando, caboclo? perguntou-lhe o sujeito.

— Não, meu amo. Estou só pensando que, se o coisa anda tanto com água e fogo, quanto mais se fosse com fogo e azeite!...

IX

No tempo em que eu era vivo...

Ia a cavalo um viajante por uma estrada e viu um caboclo escanchado num galho duma árvore, a separar o mesmo galho do tronco.

— Caboclo, disse-lhe o viajante, se cortares assim este galho, tu caís com ele!

O caboclo não ligou importância ao aviso, e continuou o seu trabalho, até que foi ao chão com o galho.

Então ergueu-se, e correu a encontrar-se com o viajante, que alcançou minutos depois.

— Meu amo, ó meu amo! exclamou. *Vamicê* adivinha!

— Porque, caboclo?

— Porque *vamicê* disse que eu caía mais o ramo, e eu caí mesmo!

O viajante riu-se e o caboclo continuou:

— Agora, meu amo, adivinhe quando é que eu morro...

— Quando o meu cavalo obrar três vezes, respondeu o viajante, chacoteando da ingenuidade do caboclo.

Este, entristecido por estar tão próximo o termo dos seus dias, foi acompanhando o viajante.

Adiante o cavalo defecou.

— Meu amo, gritou o caboclo, estou sentindo uma dor nas tripas!...

O viajante riu-se, e continuou a marchar. Mais adiante o cavalo defecou novamente. O caboclo apertou a barriga com desespero, como se estivesse atacado de terríveis cólicas, e disse:

— Meu amo, é agora, vou morrer!

O viajante riu-se de novo, e continuou a seguir. Algum tempo depois, defecando o cavalo outra vez deu um grito e caiu redondamente o caboclo.

O viajante, rindo-se sempre, continuou indiferentemente a andar.

Momentos depois, passam dois homens e encontram o caboclo estendido na estrada. Depois de o chamarem, sem obterem resposta, e de o sacudirem, sem que o caboclo desse sinais de vida, resolveram conduzi-lo para a vila próxima.

Iam levando-o numa rede, quando chegaram à margem dum rio, onde puseram-se a combinar por onde seria mais fácil passá-lo.

— Devemos atravessar por ali, dizia um.

— Não, é melhor ir mais à direita, dizia o outro.

Então o caboclo, pondo a cabeça fora da rede, disse:

— No tempo em que eu era vivo, passava por acolá...

E, depois de apontar com a mão o ponto a que se referia, recolheu-se de novo ao interior da rede.

É bem de ver que os dois condutores se desenvencilharam de tal defunto, e seguiram seu caminho.

X

Uma aposta de caboclo

Um caboclo, voltando duma pesca, chegou dum sujeito com umas traíras numa fieira.

— Meu amo, disse ele, se Vosmecê adivinhar quantas traíras tem aqui, Vosmecê ganha as doze traíras

— Tem doze, caboclo.

— Adivinhou, meu amo; ganhou as traíras.

Alguns dias depois apareceu o caboclo em casa do mesmo sujeito, levando um saco donde partiam miados de ensurdecer.

— Meu amo, eu quero fazer uma aposta. Se Vosmecê adivinhar que bichinho tem dentro deste saco, ganha o meu cavalo, e, se não adivinhar, perde o seu cavalo.

— Ganhei, caboclo é um gato.

— Pois não é não, meu amo; é uma gata.

O caboclo ganhou o cavalo.

XI

Sem mel, sem cabaça

Um caboclo foi tirar o mel de uma colmeia que descobrira na mata, encheu com ele uma grande cabaça, e vinha regressando para a sua habitação.

Caminhava muito contente, quando observou que pela sua roupa ia se deslizando um fio de mel.

Não havia dúvida: a cabaça estava vazando o seu conteúdo, o que absolutamente não fora previsto pelo caboclo.

Ia este, portanto, arriscado a chegar em casa com a sua provisão de mel bastante reduzida, e preocupou-se com o caso.

Buscando tomar providencias, somente duas vinham-lhe a mente: comer o mel, ou quebrar a cabaça.

Conservou-se, porém, indeciso durante algum tempo, sem saber qual delas devia adotar.

Finalmente, continuando a derramar-se o mel, que ele, aliás, apesar do seu bom desejo, não poderia de uma só vez acomodar no estomago, decidiu-se pela segunda medida, e quebrou a vasilha, arremessando-a a um tronco.

E só então, tendo ficado sem o mel e sem a cabaça, continuou a andar satisfeito e tranquilo.

XII

O caboclo e o penitente

Existia um sujeito que todos os domingos, depois da missa, voltava para casa, distante da vila mais ou menos meia légua, andando de joelhos.

Um caboclo, também vinha todos os domingos à vila, ficava sempre muito penalizado ao encontrar-se com esse penitente.

Um dia, indagando a razão daquele suplício, soube que o tal sujeito cumpria uma penitência que lhe tinha sido imposta, a fim de ir para o céu quando morresse.

No mesmo dia encontrou-se o caboclo com o referido indivíduo, que ia cumprindo a sua pena, e marchou para ele, armado dum pesado cacete, já em atitude de atacá-lo.

— Que é isto, caboclo?! que é isto?!... exclamou atemorizado, o penitente.

— E para *vamicê* alcançar logo o que quer, disse o caboclo, com solicitude.

— Deixa disto! Não faças tal! bradou de novo o ameaçado.

— Ora se faço! retorquiu o caboclo, firme em executar a sua piedosa intenção. *Vamicê* morre agora, fica livre de penar tanto, e vai logo para o céu!

E dispôs-se a vibrar o primeiro golpe.

Não padece duvida que o penitente, ante a inabalável resolução do caboclo, ergueu-se imediatamente, declarando-lhe que desistia da sua pretensão de ir para o paraíso.

XIII

Nem com um, nem com outro....

Chegando um caboclo à margem dum riacho bastante fundo, que tinha de atravessar andando sobre uma estreita pinguela, teve receio de não passar sem algum acidente, e pôs-se a meditar.

— Se eu digo, pensou ele, que passo com Deus, o diabo se zanga e me sacode dentro d'água; se digo que passo com o diabo, Deus se zanga e me sacode dentro d'água. Assim, vou com um e com outro.

Isto assentado, o caboclo pôs um pé sobre a pinguela e disse:

— Este é com Deus.

Em seguida colocou o outro pé sobre a mesma pinguela, dizendo:

— Este é com o diabo.

E continuou a andar, repetindo alternadamente a cada passo:

— Este é com Deus.

— Este é com o diabo.

Por fim, chegando à extremidade oposta da pinguela, deu um pequeno pulo e pisou em terra:

— Nem com um, nem com outro!... exclamou então, satisfeito de haver passado incólume, o precavido caboclo.

XIV

O caboclo e o amo pachola

Certo indivíduo, que viajava levando um caboclo como pajem, tinha de ir pernoitar em casa de um fazendeiro, que tinha uma filha cuja simpatia ele desejava atrair.

Querendo, pois, fazer lá figura, disse o viajante ao seu pajem:

— Caboclo, na casa onde vamos hoje pousar eu te pedirei uma camisa para mudar a que trago vestida. Como só tenho mais uma, tu a retires da mala, e me perguntes se é essa, ao que eu responderei que não. Então tu a ponhas na mala, e depois a retires novamente, perguntando-me se é essa outra. Eu direi ainda que não, e tu repitas o mesmo, até se completar uma dúzia e eu direi que é essa.

— Sim, senhor, meu amo, respondeu o caboclo. À noite, com efeito, depois de terem obtido pousada, o viajante ordenou, na presença dos donos da casa:

— Caboclo, dá-me uma camisa, para eu mudar esta.

O caboclo abriu a mala e tirou a camisa que lá havia.

— É esta, meu amo? perguntou.

— Não, caboclo, a outra.

O caboclo pôs de novo a camisa na mala, fingiu remexer nesta, e retirou a mesma camisa, perguntando ainda:

— É esta, meu amo?

— Não, caboclo, a outra, respondeu novamente o viajante.

O caboclo foi continuando a guardar e a tirar a camisa, fazendo a mesma pergunta e obtendo idêntica resposta, mas aborrecendo-se visivelmente com semelhante trabalho.

Na sexta vez, ele puxou a camisa e apresentou-a, perguntando sempre:

— É esta, meu amo?
— Não, caboclo, respondeu ainda o viajante, a outra!
— Ora, meu amo! disse então o caboclo, sem poder conter mais a sua impaciência. Fique logo com esta, que já não é pouco duma camisa só fazer meia dúzia!!...
E entregou ao viajante, que facilmente se imagina como ficou.

XV

O caboclo poeta

Viajando um sujeito com um caboclo, este se acordava sempre muito cedo, a fim de proceder aos trabalhos necessários para a continuação da viagem.

Tendo um dia madrugado o viajante, que ordinariamente só despertava pouco antes da hora da partida, e encontrando o caboclo já acordado, disse-lhe, gracejando:

— Este caboclo é poeta! Gosta de todo dia ver o sol nascer e os passarinhos cantarem....

— Oral ora! retrucou o caboclo, um pouco enfadado. Poeta é isto? Então o meu amo também ficava poeta, se tivesse de ir toda manhã nos pastos procurar seu cavalo.

XVI

O caboclo e o velho beato

Foi o amo de um caboclo ouvir missa em uma igreja, e o caboclo o acompanhou.

Este pôs-se a mirar um crucifixo, penalizado, e perguntou ao amo em seguida:

— Meu amo, quem foi que matou Cristo?...

— Deixa, caboclo! Deixa! respondeu-lhe o amo enfadado.

O caboclo, porém, voltou a contemplar a imagem, e pouco depois perguntou novamente:

— Hein, meu amo, quem foi que matou Cristo?

Obtendo a mesma resposta, o caboclo repetiu a pergunta algumas vezes, até o amo, para se ver livre de tal importunação, respondeu-lhe, indicando um velho que, ajoelhado, batia fortemente nos peitos:

— Foi aquele velho, caboclo.

— Ah! Foi aquele malvado?! exclamou o interrogante.

E foi postar-se a porta do templo.

Finda a missa quando o referido velho se retirava, o caboclo vibrou-lhe tão rijas cacetadas, que o prostrou por terra. O povo, irritado, cercou então o caboclo.

— Porque fizeste isto, malvado!? exclamaram várias vozes.

— Ainda pergunta? respondeu o caboclo. Foi para vingar Cristo,

— Leva o caboclo para a cadeia! Leva! exclamaram novas vozes, cada vez mais irosas.

Nisto, examinando se o velho, descobriu-se que este trazia amarradas aos joelhos duas imagens do Crucificado.

Os religiosos homens, espantados, viram nisto um sacrilégio.

— O caboclo tem razão! Solta ele! exclamaram então, indignados com o velho.

E o caboclo foi solto.

XVII

Muita coisa quer meu amo

Querendo um sujeito ensinar a um caboclo, que estava a seu serviço, a ser diligente e sóbrio, recomendou-lhe que comesse pouco, não bebesse, trabalhasse sempre e vivesse satisfeito. Ao mesmo tempo tomava as medidas necessárias para obrigar o caboclo a seguir essas prescrições.

Uma ocasião estava o caboclo muito sorumbático, e o sujeito advertiu-o, dizendo-lhe:

— Que tens tu, caboclo? Vai fazer algum serviço na horta, e deixa de andar assim!

Então o caboclo enfadou-se, e respondeu-lhe:

Muita coisa quer meu amo

Dum só moço que lhe serve:

Comer pouco, andar contente,

Não beber, viver alegre!

XVIII

O caboclo e o filho mentiroso

Uma vez um caboclo e um fazendeiro resolveram verificar qual dos dois tinha mais jeito para forjar uma mentira, e marcaram um dia para cada qual dizer uma, ganhando um cavalo o autor da mentira maior.

O caboclo foi para casa, e, depois de inutilmente procurar um meio de sair vencedor, ficou visivelmente triste.

Perguntando-lhe um filho a razão disso, o caboclo contou a aposta que fizera com o fazendeiro.

— Ora, meu pai, é por isto só? disse o filho do caboclo. Pois meu pai deixe-me ficar só em casa, que eu converso com ele.

O caboclo assim fez.

No dia aprazado, o fazendeiro apareceu, e, não encontrando o caboclo, perguntou ao filho deste:

— Menino, para onde foi teu pai?

— Meu pai, respondeu prontamente o filho do caboclo, foi hoje abrir um cortiço, e começou a contar as abelhas. Quando acabou de contar faltava uma. Então foi procurar a abelha no mato, e descobriu ela lá num galho duma arvore muito alta. Veio buscar o machado para derrubar o pau, mas o machado tinha se queimado, e só ficou o cabo. Ele levou o cabo a um ferreiro para botar outro machado, e depois derrubou o pau, mas a abelha morreu na queda. Meu pai então esfolou e esquartejou a abelha, e veio buscar o cavalo para trazer os quartos...

— Menino, disse o fazendeiro, sem querer ouvir mais nada, quando tu mentes assim, quanto mais teu pai, que é mais velho. Quando o caboclo vier, diga a ele que vá buscar o cavalo. E voltou para a sua habitação, dando-se por vencido.

XIX

Plano fagueiro de um caboclo

Um caboclo conversava uma ocasião em companhia da mulher e do filho, fazendo os seus planos de futura prosperidade.

— Hei de fazer um roçado, disse o caboclo à mulher, para na trovoadá plantar mandioca e abóbora, e depois comprar uma bestinha.

Isto ouvindo o pequeno se alegrou:

— Então eu me monto, disse ele, e corro... corro... corro...

O caboclo, sem demora, assentou umas furiosas palmadas no imoderado cavaleiro.

— Tu queres matar a bestinha, menino!!?... exclamava, aplicando-as, o futuro possuidor do animal.

XX

O caboclo e a imagem

Uma vez saiu um caboclo com uma imagem de Cristo, que desejava trocar.

Ofereceu-a a um sujeito.

— Então, queres ficar sem esta imagem? disse-lhe o indivíduo, recebendo-a. Não faças tal, que uma imagem assim a gente deve conservar. E restituiu-a ao caboclo, que foi oferecê-la a um outro indivíduo.

— Deixa disto, respondeu-lhe também este. Guarda a imagem, que de muitos males te poderá livrar.

A várias outras pessoas ofereceu-a o caboclo, dizendo-lhe todas pouco mais ou menos o mesmo.

Pouco satisfeito com o mau êxito de suas propostas, dirigiu-se por fim a umas mulheres.

— Que imagem perfeita! exclamou uma, recebendo-a. Pois queres ficar sem ela?!

— Não a troques, caboclo, que muito perderias! exclamou outra. Leva-a para casa!

— Não deixes de ter a imagem, disse uma terceira. Guarda, que é muito boa.

O caboclo recebeu-a, e adiante arremessou-a para um lado.

É boa, é boa, exclamou, mas ninguém a quer em sua casa!...

XXI

Quando Deus formou o mundo

Um caboclo entrou numa venda, para tomar uma pinga. Aí um sujeito que se fazia notar por uma considerável dentuça, querendo fazer graça, deu-lhe uma palmada nas nádegas, dizendo:

— Que caboclo de b... chocha!

O caboclo retirou-se embaraçado.

Decorrido algum tempo, voltou à mesma venda, e, encontrando o referido individuo de dentes salientes, dirigiu-se a ele. E em voz firme, retorquiu-lhe:

— Quando Deus formou o mundo

Eu não era ainda gente

O que faltou no meu b...

Acrescentou no seu dente!

XXII

O caboclo narigudo

Viajava um fazendeiro em companhia dum caboclo, que lhe servia de arrieiro.

Quando atravessavam uma vila, certa moça, observando o caboclo da janela dum sobrado, exclamou:

— Oh! que caboclo de nariz grande!...

O caboclo, que ouviu estas palavras, continuou a viagem, pensativo e amuado.

Depois de percorridas bastantes léguas, disse ao fazendeiro.

— Meu amo, eu vou dar uma resposta àquela moça!

O amo procurou por todos os meios e modos dissuadi-lo disso, mais não o consegui, pois o caboclo insistiu em voltar, para ir se desempulhar.

No fim do dia seguinte encontrou se novamente o caboclo com o amo.

— Viste a moça? perguntou-lhe o fazendeiro:

— Vi, meu amo. Ela estava lendo um livro na varanda, e eu chamei: — Moça!... Moça!... Quando ela olhou para baixo, eu dei uma resposta, que fiquei satisfeito.

— Que lhe disseste então?

— Disse: Moça! se eu tenho o nariz grande, é para meter no c. de seu cavalo!!

XXIII

O caboclo domador e o filho

Um caboclo, que da sua profissão de ensinar obras a poldros, tirava com que viver folgadoamente, mandou um filho que tinha para o colégio.

No fim do ano veio o menino passar as férias no lar paterno, e uma ocasião, querendo mostrar o que já havia aprendido, pôs-se a dizer em tom de quem estava soletrando:

“ *Requiquim* — saguim.

“ Rebenta por dentro — vento

“ Quer queira, quer não queira — jaqueira...”

E muitos outros dichotes idênticos.

O caboclo ficou bastante admirado do adiantamento do pequeno.

— Meu filho, exclamou ele então, quem te ensinou tanto sem espora nem chicote?!

XXIV

O caboclo e os poldros bravos

Passando certo caboclo por uma fazenda, onde estavam amansando poldros, o dono da mesma fazenda, querendo divertir-se á custa dele, perguntou-lhe:

— Caboclo, tu ainda montas poldros, como montavas?

— Quem, eu ?! respondeu o caboclo. Eu nunca montei poldros.

O fazendeiro, porém, continuou a dizer que o caboclo os montava bem, pedindo-lhe que montasse um, pelo que o caboclo se dispôs a satisfazer esse pedido, e pegaram e selaram um poldro, que ele montou.

O poldro, porém, deu um salto, derrubando logo o *hábil* cavaleiro.

O caboclo mandou que selasse um outro poldro, montou-o, e caiu novamente. Duas outras quedas levou ele ainda, por ter montado dois outros, sempre ao som de estrepitosas gargalhadas dos assistentes.

O caboclo conservava-se perfeitamente calmo, como quem lhes dizia que esperassem, pois teriam o pago, e, por fim, vendo um grande e bonito poldro, rosilho, disse:

“Eu cáí porque montei sem o meu surrão. Bote a sela na-quele agora”.

Prontamente selaram o referido poldro, e o caboclo montou-o, tendo o cuidado de colocar na garupa o seu surrão.

Desta vez o poldro rosilho, aos saltos, desapareceu ao longe, mas sempre levando sobre o dorso o caboclo, que se segurava como podia. E o poldro e o caboclo não mais regressaram à fazenda.

XXV
Mandai, Mãe de Deus

Um caboclo escutava um sermão.

O pregador, depois de discorrer sobre os pecados da humanidade, entrou a perorar, pedindo ao Senhor que, para castigá-la, mandasse à terra medonhos flagelos.

O caboclo, isto ouvindo, ficou pasmado.

Mandai, Mãe de Deus, mandai, disse ele, que eu quero ver seu padre onde se soca!...

XXVI
Arre!...

Indo um caboclo à cidade, certo proprietário, depois de encarregá-lo de várias compras, quis por divertimento fazê-lo percorrer a cidade inutilmente, e encomendou-lhe quarenta réis de arre.

O caboclo fez as compras recomendadas, mas, quanto ao arre, percorreu todos os estabelecimentos, causou hilaridade a muitos, e não o descobriu.

Regressava o caboclo, ainda pensando no caso, quando, indo arrancar um arbusto, as suas mãos roçaram por umas urtigas, cujo efeito caustico sentiu, exclamando:

— Arre!

Ficou ele então muito contente, dizendo de si para si que tinha achado a desconhecida encomenda, e em seguida encheu o seu surrão de urtigas. Chegando à casa do citado proprietário, entregou-lhe os objetos cuja compra realizara.

— E o arre, caboclo, achaste? perguntou o pandego.

— Isto, meu amo, foi o que me deu mais trabalho, e só achei quando já vinha de volta...

— Onde está? interrogou novamente o proprietário, admirado.

— Está dentro do surrão. Pode tirar, meu amo.

O sujeito introduziu a mão dentro do mencionado saco, logo exclamando também:

— Arre!

— Achei, ou não achei, meu amo?... perguntou então, ufano, o caboclo.

O dono da encomenda reconheceu que fora buscar lã e saíra tosquiado.

XXVII

O caboclo namorador

Certo individuo, a cujo serviço estava um caboclo, procurou-o uma ocasião, e não o encontrou.

Indo depois, porém, por uma rua, viu-o oculto atrás de uma grande moita, olhando para a janela de um sobrado.

— Que estás fazendo aí? perguntou-lhe.

— Estou namorando aquela moça... respondeu o interrogado.

— Que dizes?! E se o pai da moça souber?

— Ora, ora! retorquiu tranquilamente o caboclo. Enquanto o moça não sabe, quanto mais o pai da moça!...

XXVIII

O caboclo num sermão

Pela primeira vez, foi um caboclo a um sermão. Pregava um padre missionário, fazendo repreensões severas e exclamações ameaçadoras.

A multidão que o ouvia, com espanto do caboclo, que esperava vê-la irritar-se, conservava-se silenciosa e atenta.

Findo o sermão, disse o caboclo sentenciosamente, referindo-se ao missionário:

— Oh! Aquele homem ou é muito valentão, ou tem muita razão!!

XXIX

Não ter rede e não ter casa

Andando de viagem com um sujeito, teve um caboclo de pernoitar em certa casa.

O dono desta designou uma sala para aí dormir o caboclo, e foi mostrá-la.

O caboclo levava uma rede muito pequena, e como as cordas que tinha eram igualmente curtas, debalde procurou armá-la, por ser um pouco grande a distância que guardavam entre si os armadores.

— Ora, caboclo, disse então o dono da casa, com ar risinho. Tu não tens rede, como queres armar rede!?...

O caboclo ficou envergonhado com estas palavras, estendeu a rede no chão e dormiu.

Terminada a viagem, o caboclo empregou a mulher em fiar

e tecer uma rede, e ele pôs-se a fazer cordas.

Tempos depois, sendo o caboclo chamado para uma outra viagem, foi pousar novamente na citada casa. O referido proprietário levou-o à mesma sala, e disse-lhe:

— É aqui que dormes, caboclo. Tens rede?

— Tenho, respondeu ele convictamente.

E trouxe uma rede enorme, com uma corda desmesurada em cada punho.

Indo armá-la, porém, como só a rede era mais comprida do que a distância que ia de um armador ao outro, ficou ela completamente estendida no chão.

O hospedador ficou surpreendido. Então o caboclo, muito ancho, voltou-se para ele, e disse-lhe, intencionalmente:

— Ora! O meu amo não tem casa, como pergunta se tenho rede para armar?!

XXX

Se há de morrer de sucesso morra de desgraça

Uma ocasião certo caboclo, regressando a sua habitação, ouviu o filho pedir auxílio, e foi encontrá-lo no cimo de uma arvore, debalde procurando descer.

Pôs-se o caboclo a observar os inúteis esforços do menino, e acabou por convencer-se de que não era possível a descida.

Ficou então preocupado com a sorte do filho.

— Se você há de morrer de sucesso, morra de desgraça, disse ele finalmente ao menino.

E, disparando-lhe a espingarda que levava, derrubou-o.

XXXI

Inveja de um caboclo

Um caboclo ia tangendo um burro, que conduzia uma carga de aguardente.

Em certo ponto do caminho, ele tirou uma ancoreta, colocou numa forquilha, e, pondo-se em posição adequada, bebeu em seguida até que se lhe tornou impossível ingerir mais uma gota.

Logo depois começou a sentir os terríveis efeitos do álcool, dizendo:

— Tem modo guardencia!... Tem modo guardencia!...

E caiu morto.

Mais tarde passou por ali um outro caboclo, e vendo sem vida, perto da ancoreta, o que isso havia feito exclamou:

— Quem me dera morrer desta tua morte!...

XXXII

Desejo de um caboclo

Certo caboclo, bom amigo da pinga, ouviu uma ocasião conversar a respeito do mar e do tamanho do maior habitante das suas águas, a baleia.

Andando uma vez de viagem aproximou-se do litoral, e, chegando ao alto dum monte, avistou o oceano.

Aí demorou-se um pouco, e, tirando do surrão uma garrafa, engoliu uma pequena quantidade de aguardente, que ainda restava.

E pôs-se extasiado, a contemplar a vasta extensão das águas.

Por fim, externando a impressão que o soberbo panorama lhe produzia, exclamou:

— Ah! Quem dera que o mar fosse de aguardente, e eu baleia dentro!...

XXXIII

O capitão-mor e o filho do caboclo

Numa aldeia existia um caboclo, que era capitão de caboclos. Como tinha este posto, lembrou-se de casar o filho com a filha do capitão-mor, e foi propor a este o casamento.

— Traze o teu filho para a menina vê-lo, respondeu-lhe o capitão-mor.

E em casa deste preparou-se um *clyster* de pimentas para mimosear o caboclinho.

No dia em que o caboclo lá apareceu com o filho mandou o capitão-mor o pequeno para o interior da casa, e ficou na sala de visitas conversando com o caboclo.

Pouco depois ouviam-se gritos do caboclinho.

— Olhe! Estão judiando com o menino, disse o caboclo, escutando-os.

— Não é nada, retrucou o capitão-mor, rindo-se disfarçadamente. Isso é folguedo dos meninos.

Logo depois passou o caboclinho pela sala, chorando desesperadamente e a coçar o assento.

O caboclo compreendeu tudo, e mal impressionado com a brincadeira, levantou-se, dirigiu-se para a porta, e disse despedindo-se:

— É folguedo, é folguedo, mas o c. dele é que vai ardendo!

XXXIV

Duvido!!! Quero ver...

Um caboclo ouvia um padre missionário pregar.

— Senhor! exclamou o padre. Bradar é inútil, pois os homens não se afastam da senda do pecado. Para adverti-los proficuamente, mandai uma seca, em que as árvores não fiquem somente queimadas, mas sejam todas reduzidas a cinzas até as raízes!

— Duvido! quero ver! disse o caboclo, do seu canto.

— Não façais, continuava o pregador, que simplesmente desapareçam as águas dos rios, mas em seus leitos fazei correrem torrentes de fogo!

— Duvido! quero ver!... disse de novo o caboclo.

— E os que mais houverem pecado, prosseguia o padre, fazei que, em vez de sucumbirem, vivam durante todo o tempo da seca, inutilmente procurando que comer e que beber!

— Duvido !! quero ver!! Dizia sempre o caboclo, pondo à amostra o seu senso prático.

XXXV

Mata, judeu!...

Vendo um caboclo celebrar-se uma cerimônia numa igreja, perguntou o que era isso ao amo, e este fazendo-o ciente de que era a solenização da semana santa, explicou-lhe detidamente a vida e a morte de Jesus Cristo.

O caboclo ficou indignado com a injustiça e ferocidade que fizeram morrer o Divino Regenerador, quis ir brigar com os

judeus, e, bastante sensibilizado só acalmou-se um pouco ao dizer-lhe o amo que Jesus Cristo ressuscitaria.

No ano seguinte, viu o caboclo ter lugar idêntica cerimônia no templo.

— Que é aquilo, meu amo? perguntou ele novamente.

— É a solenização da morte de Jesus Cristo, respondeu o amo ao interrogante.

— Cristo torna a morrer?! Então é por gosto mesmo... Mata, judeu!... exclamou o caboclo, furioso desta vez.

XXXVI

Promessa de um caboclo

Um caboclo prometeu a Santo Antonio que lhe daria uma vela, se encontrasse até ao anoitecer uma vaca amocambada em cuja procura andava, havia três dias.

Sucedeu que, antes do sol se pôr, o caboclo achou o animal, que amarrou bem.

— O que eu queria era achar a vaca! disse em seguida, muito satisfeito, o caboclo. A vela eu não pago, que lá no céu o que não falta é luz...

Apenas foram ditas estas palavras, a vaca empinou-se furiosamente, e arrebatando a corda, desapareceu de novo no mato.

O caboclo viu logo nisto o castigo da deslealdade que acabava de cometer.

— Que santo desconfiado... exclamou ele então, procurando novamente obter o milagre. Eu estava era caçoando, Santo, eu pago a vela!

CONTOS, LENDAS E ANEDOTAS DIVERSAS

I

O Rei dos destinos (ALAGOAS)

Uma feita havia um fazendeiro que tinha dois filhos, e mandou todos os dois para a escola. O mais velho estudou e formou-se, e ficou morando na cidade, onde se casou. O outro logo que aprendeu a ler e a escrever, deixou os estudos e veio para onde estava o pai.

Quando morreu o fazendeiro (mais de velhice do que de doença), o filho mais moço, que já estava acostumado com a vida do mato, ficou na fazenda, governando os bens todos, tanto seus como do irmão, que continuou a morar na cidade. Com o governo do rapaz a fazenda foi prosperando, que fazia gosto, e assim passou-se muito tempo.

Mas um dia ele pôs-se a pensar, e disse: “Ora isto não tem jeito; eu a cuidar da fazenda para mim e para meu irmão, e ele na cidade a dormir e a passear!... Vou escrever a ele¹ para

1 É defeito ou erro peculiar a gente do campo dizer a ele em lugar de lhe. O mesmo dá se com o — fez ele voltar — em vez de — fê-lo voltar.

vir repartir os bens e dispor dos seus.” Dito e feito. Escreveu a carta, e recebeu resposta do irmão dizendo que ele mesmo fizesse o dividendo, tirasse uma banda e a outra entregasse a uma pessoa para ir trabalhando. Repartiu-se tudo irmãmente, e o suplicante ficou só com os bens dele, como queria.

(*) É defeito ou erro peculiar a gente do campo dizer a ele em lugar de lhe. O mesmo dá se com o — fez ele voltar — em vez de — fê-lo voltar.

Ora, aconteceu que depois disto, os bens do irmão formado, passando para as mãos de uma pessoa estranha, deram para aumentar a olhos vistos.

Também os do outro, que trabalhava sem descanso, foram diminuindo, que chegava a fazer dó; quanto mais mourejava, mais iam diminuindo, até que no fim de dois anos só tinha de seu a noite o dia.

Quando se viu assim, dispôs-se a correr mundo à procura de um meio de vida, e disse isto ao irmão, que se opôs, deu-lhe a metade dos bens que tinha recebido, e fez ele voltar para a fazenda.

Foi o mesmo que nada. No fim de dois anos estava ele outra vez pobre como Job, enquanto a outra parte dos bens do irmão tinha aumentado por demais. Dispôs-se de novo a sair ganhando a vida, e o irmão lhe deu outra vez metade dos bens com que tinha ficado, o que ele não quis aceitar mais. Então deu-lhe dinheiro para a viagem, e ele começou a andar.

Levou bastante tempo correndo lugares desconhecidos, até que viu uma arvore muito copada e bonita, e debaixo da arvore uma moça muito formosa e esperta a fiar sem descanso. Ele chegou junto da arvore, e perguntou à moça quem era. “Eu sou, respondeu a moça, a sorte do teu irmão. Enquanto ele dorme e passeia, eu trabalho”.

Aí o viajante perguntou onde era que ia achar a sorte dele, e soube que lá adiante encontrava. Não teve dúvida; caminhou, caminhou, e final deu com uma árvore quase seca, e debaixo da árvore viu uma cabocla magra e feia, dormindo que parecia morta. Com muito custo acordou a cabocla, e perguntou quem era. Não tardou a resposta: “Eu sou a tua sorte; enquanto tu trabalhas e te vexas eu durmo.”

Vai o viajante e diz: “Oh sorte medonha! O que devo fazer para mudar de sorte?” Foi a cabocla que respondeu: “Isto é o que tu não arranjas! Mas segue teu caminho, e quando encontrares um grande palácio, entra nele e leva calado até que um velho te fale.”

O viajante assim fez. Depois de andar muito, deu com o palácio, entrou, e foi achar o velho sentado no meio de uma grande sala. Foi o mesmo que não se terem visto; ninguém disse palavra, e o viajante, cansado como estava, tratou de sentar-se também. Mais tarde botaram o almoço o velho sem dizer nada levantou-se e foi comer, e o viajante que estava com muita fome, fez-se de casa e foi também para a mesa.

Na hora de jantar e de cear, a mesma coisa. Quando foi hora de dormir, como via que era preciso ir se arranjando por si mesmo, o hóspede tomou conta de uma marquesa que estava junto da porta e tratou de pegar no sono. Era quase meia noite, quando ouviu bater na porta, perguntando o velho o que tinha havido, e o suplicante da parte de fora respondeu: “Nasceram tantas mil crianças”, e viu com esta resposta o velho abrir uma janela e atirar fora igual número de sacos de moedas de ouro, e depois disto ir novamente se deitar. No outro dia, quando o rapaz se acordou, ficou admirado de estar numa casa como as demais, em vez do palácio; mas não se incomodou e passou o dia como o outro. Lá para as mesmas

horas da noite passada ouviu outra vez bater na porta, o velho perguntou o que tinha acontecido, e ao ouvir a resposta de terem nascido tantas mil crianças, abrir uma janela e atirar fora igual número de sacos de moedas de prata. No terceiro dia quando se acordou, notou ainda que em vez de estar na casa, estava num casebre, e as mesmas horas da noite, quando vieram dizer o número de crianças que tinham nascido, viu o velho atirar fora outros tantos sacos de moedas de cobre.

No quarto dia o viajante se acordou no palácio onde tinha estado no primeiro dia. Foi quando o velho lhe disse: “Eu sou o rei dos destinos, e sei a que vens; mas não podes ter boa sorte, porque nasceste na ocasião do cobre.” O rapaz, ouvindo isto pôs-se a lastimar-se; então o rei dos destinos com pena dele disse: “Volta para traz e pede a filha do teu irmão em casamento e casa-te com ela, mas todo negócio e trabalho que fizeres, fazes em nome de tua mulher, e nunca em teu nome.”

Assim se fez. O rapaz voltou e casou-se, e como tinha cuidado de determinar tudo em nome da mulher, deu para prosperar, e em pouco tempo ficou mais rico do que de primeiro.

Passou uma vez, voltando de uma grande plantação de algodão que tinha mandado fazer e que estava viçoso que fazia gosto, encontrou-se com um viajante que lhe perguntou, todo encantado, de quem era aquele bonito roçado, e ele ficando orgulhoso, disse: “É meu “.

Ainda bem não tinha acabado de falar, quando se levantou do roçado um fogaréu, que acabava com a fazenda toda, se ele não se lembrasse do que tinha dito o rei dos destinos e não gritasse ao viajante, que já ia de marcha: “o roçado não é meu não, é de minha mulher!”, o que foi bastante para o fogo se apagar de repente.

O veado e o caranguejo¹
(PERNAMBUCO)

Um dia foi um veado beber numa lagoa, e vendo um caranguejo, pôs-se a reparar no modo como o bichinho andava, e disse caçoando:

— Mal estaria você, amigo caranguejo, se tivesse de mudar-se desta lagoa para outra, por mais perto que ficasse.

O caranguejo, zangado com a graça, perguntou:

— Porque, amigo veado?

— Porque era preciso um ano para você, caminhando assim de costas, andar ainda que fossem sete braços.

— É o que você pensa, amigo veado. Quantas vezes eu tenho ido àquela lagoa que fica daqui a dez léguas em menos tempo do que você correndo.

O veado riu-se, mas o caranguejo sustentou, e pegaram uma aposta para ver quem chegava primeiro na tal lagoa.

Na ocasião da partida, o caranguejo, com as suas duas bocas, que são as duas mãos, pegou-se ao rabo do veado, sem o veado ver e foi assim seguro, O veado sentindo uma dor desesperada, só fazia correr, e quanto mais o caranguejo mordida para se segurar, mais ele corria.

Neste vexame, num instante o veado chegou lá, e sentou-se logo juntinho da lagoa, olhando para as bandas donde tinha vindo, para ver se o caranguejo chegava.

No mesmo instante ouviu o caranguejo dizer:

— Oh, amigo veado, você veio tão cego da sua corrida, que

¹ Variante do conto *O veado e o sapo*, que se encontra no precioso livro *Contos populares do Brasil*, coligidos pelo Dr. S. Romero.

chegou se sentando logo em cima da gente! Pois eu, que cheguei primeiro, não estou tão cansado...

O veado ficou muito admirado e não soube o que responder.

III

A ema e a raposa (PERNAMBUCO)

No tempo em que Adão e Eva não precisavam trabalhar, para maior comodidade deles havia a facilidade de subir e descer os montes como se fossem planícies.

Esta graça de Deus desapareceu logo da terra apenas teve lugar a desarmonia que hoje existe entre os animais, e foram os causadores disto a raposa e a ema, ave esta que nesse tempo possuía uma plumagem rica e elegante, tendo uma cauda maior e mais formosa do que a do pavão, e que voava como a andorinha. Pois numa bela manhã estando a ema a aquecer-se ao pé de um elevado monte, descobriu quase junto a si uma raposa que se aproximava sorrateiramente para pegá-la, e tal foi o susto da infeliz ema que em vez de tomar o vão para a planície, fez o contrário e foi pousar no meio do monte.

A raposa, porém, não desanimou, e correndo monte acima (o que lhe foi o mesmo que correr num plano), pegou-a pela cauda quando ela precipitadamente ali pousou. Vendo-se presa a pobre deu tantos saltos e sacudidelas tão fortes que todas as suas penas caíram e por fim tendo a sua formosa cauda se despregado do corpo, livrou-se dos dentes da raposa, e saiu numa carreira que foi se desunhando.

Fora do perigo, a ema, em vez de somente lamentar-se, começou também a censurar a Deus por não ter dificultado as

subidas dos montes, o que a teria livrado daquele miserando estado, pois como estavam as coisas de nada lhe servia ter o dom de voar.

Deus não gostou da censura da ema, e por isto a conservou como hoje a vemos, isto é, no estado em que a deixou a raposa; mas notando que ela tinha alguma razão, dificultou desde esse dia a subida das ladeiras, o que hoje tanto nos cansa.

IV

O pato, o burro, o carneiro, o anum,
o gato, o galo e o sapo
(PERNAMBUCO)

A história que vou contar deu-se na seca de 25. Ainda hoje ninguém pode ouvir os casos de miséria que se deram nesse tempo sem ficar com os cabelos arrepiados. Mas deixemos isto de parte e vamos a história.

Um pato, um burro, um carneiro, um anum, um gato, um galo e um sapo, temendo que o povo faminto os comesse (pois em tempo de seca come até cobra venenosa, que dirá sapo, burro, gato, etc.) trataram de fugir, e todos juntos e em boa paz tomaram o caminho da praia. Depois de andarem muitos dias a passar fome, sede e todas as diversidades de misérias, chegaram já no anoitecer em um lugar onde havia verde e a seca ainda não havia chegado. Estando, porém, todos mais mortos que vivos, de cansados, resolveram pousar ali, e depois de comerem no outro dia alguma coisa seguiram novamente a viagem, indo todos dormir numa casa que estava bem perto à vista.

Logo que entraram na casa, que estava sem gente, o anum

foi empoleirar se num dos frechais; o galo na cumeeira; sapo, procurando um lugar mais fresco foi se deitar junto de um pote, que tinha ainda um resto d'água dentro; o gato, este fez fogo e estirou-se de um lado; o burro e o carneiro, depois de fecharem a porta, se deitaram bem encostados a ela, como que servindo de escoras para não deixar ninguém a abrir, e só o pobre pato ficou em pé no meio da sala. Quando foi lá para meia-noite, e todos estavam de sono ferrado, o pato que só fazia cochilar, ouviu uma vozeria, prestou atenção e conheceu que era um pelotão de gente que se dirigia para a dita casa, e mais que depressa acordou todos os camaradas.

O primeiro cuidado do gato foi ir ao pote e tirar o restante d'água e apagar o fogo; o burro, este levantou-se assustado de orelhas murchas, disposto a enfrentar com todo o perigo; o carneiro por sua vez, de testa franzida, estava pronto a mostrar para que ela servia...

Os homens desconfiaram logo que a casa estava ocupada, e pensando que fossem ladrões, trataram de entrar de magote e de supetão para não darem tempo a eles fugirem. Esta resolução, em vez de ser uma boa medida, foi pelo contrário uma desgraça, porque logo que um grande número dos homens se precipitou dentro da casa, o carneiro deu uma tão grande marrada neles que todos foram ao chão, e quando eles estonteados tratavam de levantar-se, o burro deu-lhes dois ou três coices, que os fizeram ir parar estirados por todos os cantos da casa, saltando o gato, então, por sua vez, em cada um deles e enterrando as unhas nas caras, que chegava a tirar lapas.

A mesmíssima coisa deu-se com o restante, que para salvar os companheiros também se precipitou na casa

O sapo, logo que viu o samba ferrado, saiu do pé do pote, a soltar os gritos que costuma quando está no brejo em tempos

de invernada, e foi esconder-se fora da casa; o galo, achando-se fora do campo da briga, de assombrado deu para cantar; o anum também fora da briga deu para soltar assovios como se estivesse nos descampados, e o pato pôs-se a andar de um lado para outro a grasnar sem saber onde se esconder.

Como em todas as lutas por mais tremendas que sejam, sempre escapa alguém para contar a história pôde um dos pobres homens fugir levemente ferido, e saiu a contar que os ladrões não eram lá muitos não, mas que os três que lutavam valiam por cem: entre eles o testa de ferro (que era o carneiro), quando dava uma cabeçada, iam todos de ventas ao chão; depois tinha o diabo de um jogador de rasteira (que era o burro) que, quando soltava as pernas, atirava tudo de encontro às paredes; e finalmente um outro diabo, o unha de canivete (que era o gato), quando alguém caía, saltava logo em cima cravando as unhas e arrancando lapas de todos os tamanhos. Felizmente não desceu um sujeito que estava na cumeeira da casa (que era o galo), que dizia muito entusiasmado: “Se eu for lá com o meu bico, com o meu esporão, com a minha crista, mato, esfolo, pico e espalho”; também estava no frechal casa um negro (que era o anum) que com medo de descer só fazia gritar; “Ânimo!... ânimo!... ânimo...! Em oposição ao que gritava o diabo deste negro, estava um velhinho a caminhar no meio da casa de um lado para outro (que era o pato) a dizer: “Paz... paz, paz... paz...”.

Terminada a narração o sujeito disse que lá só tinha um mofino, que logo que viu o barulho saiu de porta à fora (que era o sapo) a dizer: “Perdo... ai, perdo...ai, perdo... ai”.

Reuniu-se então gente para ir lá outra vez, e depois de muitas discussões de parte a parte ficou resolvido que com tais inimigos só se podia lutar de dia; e quando foi muito cedinho

que foram bater na porta só encontraram na casa os doentes; uns sem olhos, outros de pernas quebradas, etc., etc.; os ladrões como o povo pensava que eram, após a luta trataram de se pôr ao fresco, que não eram bestas nem nada.

V

O cachorro, o bode, o gato, o porco e a onça (ALAGOAS)

Os donos dum cachorro tinham todos ido para uma festa, e se esqueceram do bicho, que ficou sem comida. Para disfarçar a fome, o cachorro tratou de dormir, e quando ia pegando no sono, passou um bode, e disse lhe: “Não seja preguiçoso, compadre, vá caçar” e bem junto dele deitou-se também. Quando os dois iam ferrar no sono, passa um gato, que foi também deitar-se junto deles, dizendo: “Que preguiçosos! Em vez de irem caçar, estão aqui dormindo”. Ainda bem não tinham fechado os olhos, quando chegou um porco e os convidou para irem caçar. Todos aceitaram e puseram-se a caminho.

Levaram muito tempo no mato sem encontrar caça nenhuma, quando caiu um aguaceiro, que foi um Deus nos acuda. O bode, logo no começo da chuva, deu para espirrar alto, como nunca se viu: o gato, a cada gota d’água que lhe caía no lombo, miava e tremia como varas verdes, e o cachorro viu-se obrigado a latir como se tivesse acuado caça. Assim foram de opinião que deviam se resguardar numa toca, fosse onde fosse. O cachorro, que era conhecedor do lugar, disse que perto não havia nenhuma, e só dali a uma légua havia a furna de uma onça, e que esta não servia, porque a onça devia estar em casa.

“Pois eu me obrigo a botá-la para fora, disse o porco. Basta

que vocês, quando forem chegando perto, continuem como se não houvesse nada”. Todos aceitaram o oferecimento do porco, que seguiu adiante, depois de lhe ser ensinada a furna.

A onça estava mesmo na furna, e quando o porco chegou, disse ela: “Bem-vindo seja, compadre porco; estava esperando com quem conversar. Como está gordo...” O porco respondeu: “Qual, comadre! Esta minha gordura é só inchação... Fugi para o mato, porque me querem matar, para não pegar a doença”. Como o porco, antes de chegar ali tinha-se lambuzado numa lama que fedia como os diabos, a onça acreditou logo, e disse:

“Então passe bem longe, para não me pegar também a danada da sua doença.”

O porco respondeu:

“Pois eu assim mesmo, comadre onça, ando por aqui fugindo dum cachorro, dum gato e de um bode doidos, que, se me tocassem com um dente faziam-me ficar como eles”.

Nesta ocasião a onça viu aproximarem-se o cachorro, que já uivava com o frio, o bode, que continuava a espirrar que só pratos de banda de música, e o gato, que cada vez miava mais, e pôs-se logo ao fresco.

Os caçadores ocuparam a furna, onde se livraram da chuva, e nela encontraram provisões da onça, com que fizeram uma grande festa.

VI
O negro fugido¹
(ALAGOAS)

Um negro andava fugido, e havia tempo que o capitão de campo o procurava e não achava. Um dia lembrou-se de fazer uma fogueira num lugar, por desconfiar que o negro estava por perto, e escondeu-se.

Mais tarde o negro veio devagarinho, e não vendo ninguém se pôs a esquentar fogo de pé.

Depois de estar muito tempo de pé, o negro começou a ter vontade de esquentar fogo sentado, e não se animava; mas depois sentou-se sempre, e disse: “Eu senta, mas não cochila.”

Mal sentou-se, deu-lhe vontade de cochilar, mas ele ia tomando cuidado. Foi indo, e afinal resolveu-se sempre a cochilar, dizendo: “Eu cochila, mas não deita...”

Pôs-se então a cochilar, que quase encostava a cabeça na cinza. Cochilando, se lembrou de se deitar, mas não quis. Ao depois resolveu-se sempre, dizendo: “Eu deita, mas não dorme.”

1 O hábito peculiar ao africano de se aquecer ao calor das fogueiras e de cochilar, é a razão desta anedota e da seguinte. Chegou a ser considerado privilegio do africano o viver cochilando. É verdade, porém, que os empregados no fabrico do açúcar encontravam justificação para isso em seu pesado trabalho no tempo da safra, eis que chegavam a dormir apenas durante 3 ou 4 horas por noite. A propósito, foi-me contada a anedota dum escravo, empregado em tal serviço, que conseguiu libertar-se e fazer um pecúlio; cem anos depois ainda vivia o felizardo, mas sempre cochilando, o que fez um seu conhecido perguntar-lhe “que sono também era um”, ao que respondeu o dorminhoco “que ainda era o tempo que passara tresnoitado no cativeiro”.

E deitou-se. No mesmo, instante pegou no sono, roncando como um porco. Então o capitão de campo o amarrou e foi entregá-lo ao senhor.

VII

O negro rico (ALAGOAS)

Foi uma feita um negro, que era escravo, libertou-se e ao depois enriqueceu. Então comprou uma casa, aprontou a casa com muito luxo, e começou a deitar-se numa cama bem preparada. Ao cabo de algum tempo cai o negro doente. Mandou chamar o médico, e pegou a tomar remédio mais remédio, e cada vez a ficar mais doente. Uma ocasião veio um companheiro velho visitá-lo, e encontrou o dito negro deitado em uma marquesa, todo embrulhado. Aí perguntou: “Você o que sente, minha parente?”

O negro doente disse: “Ah! minha pariceiro, está aqui doente para morrer se Deus não me ajuda. Já gastou muito a dinheiro com doutor e com a remédio, porê sempre sente o corpo ruim... ruim...” Vai o outro e pergunta:

— “Você aonde se deita, minha pariceiro? Vai me mostrar.”

O doente levantou-se com muito custo e foi mostrar a cama. Assim que o outro negro viu a cama com um bom colchão, cortinado e mais preparos, perguntou muito admirado: “É acolá que você se deita, minha pariceiro?!...”

— “É, minha parente”, respondeu o doente.

— Hum... hum... hum.. Está porque você está doente, minha pariceiro!... Você toma minha conseio, sinão você nunca fica bom. Você vizia uma taboa e bota junto do fogo, e te deita

mesmo sem lençol. Você deixa aquilo, sinão você morre, minha pariceiro!

Assim mesmo foi. O negro rico pegou a deitar-se numa taboa junto do fogo, e ficou bom.

VIII

Os três conselhos¹ (ALAGOAS E PERNAMBUCO)

Havia numa aldeia um bom rapaz, pobre e sem família, e que não encontrando em que se empregar, resolveu ir para terras estranhas procurar trabalho.

Depois de andar muito por lugares longínquos, deu com um ricaço, dono de uma fazenda muito grande, que lhe ofereceu serviço, com a condição de só lhe pagar se ele trabalhasse um ano inteiro. O rapaz, que não tinha mais para onde ir, aceitou a proposta.

Quando completou um ano de serviço, dispôs-se a voltar para a sua terra, aprontou o seu malote, e foi receber o dinheiro do trabalho.

O ricaço, depois de contar o dinheiro, e quando ia entregar, perguntou:

— Você quer o dinheiro, ou quer um conselho?

O rapaz, a princípio, ficou espantado de tal pergunta. Porém, imaginando depois que um conselho com que se queria pagar um ano de trabalho devia ser tão bom, que nem conselho de advogado, teve vontade de saber o que era, e respondeu:

¹ Esta história é uma outra versão da que com o mesmo título se encontra nos *Contos Populares do Brasil*, do Dr. Sylvio Homero.

— Vamos lá ao conselho!

Então o ricaço, guardando o dinheiro, disse:

— “Nunca deixe arrodeio por atalhos.”

Ora está! Antes tivesse recebido o meu dinheiro, disse consigo o trabalhador, arrependido. E como não tinha outro jeito, ficou para servir outro ano.

No fim do ano, quando o rapaz foi outra vez receber o pagamento, o fazendeiro fez-lhe a mesma pergunta. O trabalhador, depois de pensar um pouco, acabou por declarar de novo que queria o conselho, e o ricaço disse:

— “Quem coroa na cabeça botar rei será.”

O rapaz arrependeu-se ainda do negócio, e teve de trabalhar um outro ano.

No fim do terceiro ano, faz-lhe o ricaço a mesma pergunta.

O rapaz, que já tinha perdido o trabalho de dois anos dispôs-se a receber o novo conselho, para ver se se pagava de todo o serviço feito. Então o fazendeiro disse:

— “A vasilha do ter nunca encheu.”

Desta vez o trabalhador desapontado, disse ao ricaço, a quem julgou um grande avaro, que já estava bem arremediado com os conselhos dele e ia-se embora. Então o ricaço abraçou-o, deu-lhe mantimento para a viagem e um queijo mais, recomendando-lhe que só partisse o queijo quando se acabasse a comida.

O rapaz recebeu tudo, e saiu.

Depois de andar um bom tempo e de não ter mais comida, partiu o queijo, e viu que estava ele cheio de dinheiro. Contando a quantia, encontrou todo o dinheiro dos seus três anos de trabalho. Então se arrependeu de ter feito mau juízo do ricaço, e continuou a viagem.

Adiante juntou-se a uns tropeiros que encontrou no cami-

nho. Andadas muitas léguas, os tropeiros, querendo encurtar a viagem, seguiram por um atalho. Então ele se lembrou do primeiro conselho do ricaço, e, apesar da insistência dos tropeiros, tomou o arrodeio. É verdade que caminhou muito porém, quando chegou na vila que ficava mais perto, soube que os tropeiros foram atacados e mortos por uma quadrilha de ladrões.

Deu graças a Deus por não ter deixado o arrodeio, comprou na vila o que precisava, e marchou.

Tendo andado muitos dias, avistou uma cidade muito bonita, e dirigiu-se para lá. Ao entrar na cidade, a primeira coisa que viu foi uma coroa de rei toda de ouro e brilhantes, em cima dum trono de prata. Aí ele lembrou-se do segundo conselho e pôs a corda na cabeça. Então vieram uns guardas e o levaram nos braços para um palácio, muito rico, onde lhe ofereceram logo um banho muito cheiroso, sendo depois vestido de rei e levado à presença duma formosa princesa, que já o esperava num salão, que parecia um céu aberto.

A princesa logo que o viu entrar, foi recebê-lo, e disse: “Infeliz, que usaste esta coroa! Vais casar-te hoje comigo, e, como os outros que fizeram como tu, amanhecerás morto, sem se saber porque!” O rapaz, longe de desanimar, ficou nadando em alegria. Fez-se o casamento. À noite, quando o noivo entrou na câmara da princesa armou-se dum alfange, e tomou cuidado em não adormecer. Lá para a madrugada, quando a princesa dormia, o noivo, que estava atento, viu uma enorme serpente dirigir-se sorrateiramente para ele. O rapaz não se moveu, e, quando a serpente se aproximou, deu-lhe com o alfange um golpe tão certo, que a cabeça da serpente rolou pelo chão.

Era aquela serpente que matava os noivos da princesa. Quando no outro dia a princesa se acordou e viu o noivo vivo, teve a maior alegria, e mandou espalhar a notícia e fazer festas que duraram um mês.

Acabadas as festas, estava um dia o dito rei numa janela do palácio, quando descobriu ao longe uma casa muito grande, onde estava a entrar e a sair um formigueiro de trabalhadores. Perguntou o que era aquilo, e a rainha respondeu-lhe que era uma fábrica pertencente a um homem que possuía uma riqueza igual à dela. Lembrou-se o rei do terceiro conselho do fazendeiro, e disse à rainha:

— Amanhã, logo de madrugada eu vou me oferecer àquele homem para trabalhar e tu hás de me levar ao meio-dia o almoço. A rainha debalde fez ver ao marido a inconveniência deste passo, e ele no outro dia bem cedinho riscou na porta do tal sujeito, vestido de operário, a pedir-lhe trabalho.

O homem aceitou-o logo ao seu serviço e ele foi trabalhar junto com os outros operários. Ao meio-dia tocou a sinete para os trabalhadores almoçarem e todos saíram. O rei também saiu, e, como não tinha o que almoçar, sentou-se na porta da fábrica. E assim estava, quando passou o dono e perguntou-lhe porque ele não ia almoçar e o que esperava ali, ao que respondeu-lhe o seu novo empregado “que estava esperando que a rainha lhe trouxesse o almoço, o que não devia tardar muito”. O dono da fábrica riu-se desta resposta, e o trabalhador, na presença de quantos estavam ali, confirmou, com a maior convicção, que a rainha lhe havia de trazer o almoço. Então o dono da fábrica lhe disse: “Quer apostar comigo o teu dia de serviço contra toda a minha fortuna, como, se esperares que a rainha te traga o almoço, hoje não almoças?” O rei pegou com as duas mãos a aposta, e daí a poucos minutos, quando menos se esperava, chegou a rainha em seu carro, e entregou o almoço do fingido operário.

O dono da fábrica só não ficou a pedir esmolas porque o rei lhe deu muito com que passar folgadoamente, e assim o tal

empregado do fazendeiro, com os conselhos dele, ficou o homem mais rico do mundo.

IX

Os serviços de Pedro Malasarte (PERNAMBUCO)

Pedro Malasarte tinha um irmão por nome João, que estava longe de ser *colado*¹ como o tal Pedro e que um dia saiu à procura de serviço. Pedro Malasarte avisou-lhe logo que vigiasse o que ia fazer.

Depois de ter viajado algum tempo, João chegou à casa dum velho, que disse que lhe dava trabalho, mas era com a condição que, se ele não desse conta do serviço, perdia o jornal e o velho lhe tirava uma correia das costas; também no caso de servir bem e de ser despedido, ele recebia o seu dinheiro e tirava uma correia das costas do velho. João ficou. No outro dia, no almoço, quando João tirou o primeiro bocado, o velho levantou-se logo da mesa e mandou tirar os pratos, como tinha de costume quando havia hóspede, e João ficou sem almoçar.

Depois mandou João tirar madeira para fazer um quintal, porém madeira que não fosse torta nem um bocadinho. Saiu o empregado, e depois de levar muito tempo procurando, só achou uns dois ou três pauzinhos mais linheiros.

1 Fino, sagaz. Parece vir da denominação vigário colado, pessoa esta que por ser uma das mais ilustradas da freguesia, era considerada pelas populações rurais um tipo da sabedoria.

Quando foi mais tarde, e o velho viu os tais paus com pequenas voltinhas, disse: “Eu não lhe avisei que queria madeira sem volta nenhuma? Esta está torta”. Portanto chegou para lhe tirar a correia das costas.

João não pôde se esquivar, e o velho assim fez.

Aí ele deixou a casa do velho, e Pedro Malasarte viu o ferimento nas costas do João.

Logo que soube do contrato que ele tinha feito, disse Pedro: “Pois bem. Quem quer ir agora se empregar na casa do velho sou eu.” Aprontou-se e foi. Quando chegou lá, pediu serviço e o velho disse-lhe a mesma coisa. Pedro Malasarte aceitou o negócio, e perguntando depois o nome do patrão e a família a que pertencia, desencavou logo uns parentescos e acabou se fazendo sobrinho do velho.

No almoço do outro dia, quando Pedro tirou o primeiro bocado e o velho fez que já tinha almoçado e mandou levar os pratos, Pedro deu garra a um, dizendo: “Não precisa esta cerimônia comigo, meu tio; ora! ora! eu mesmo levo o prato, quando acabar”, e comeu até encher a barriga. Quando acabou, o velho mandou tirar madeira que não tivesse uma só voltinha.

Pedro não se vexou, e amolou bem uma foice. Depois foi a horta, que ficava atrás da casa, e atacou a foice numas moitas de bananeiras. O velho foi para lá aos gritos, mas quando chegou já o empregado tinha feito um asseiro, que nem um corisco. O velho ficou danado da vida, e Pedro disse:

“É só a madeira bem linheira que há aqui meu tio. Se quer me despedir, chegue para tirar a correia.”

O velho disse que ele ficasse e que no outro dia tinha trabalho. Quando foram jantar e fizeram como no almoço, Pedro abotoou-se outra vez com o prato, dizendo sempre que não queria incômodos com ele, e jantou quanto quis.

Desta sorte o velho só almoçou e jantou neste dia aquele bocadinho, e Pedro Malasarte não o deixou mais até que ele foi se agasalhar. Quando foi hora de dormir, o velho quis mandar fazer uma cama num quarto para Pedro, mas o tal empregado, vendo o que ele queria era matá-lo de fome trancado no quarto, disse que o tio não se incomodasse, que ele ia se deitar mesmo numa esteira junto a porta da cozinha, para aquecer-se ao fogo. Assim mesmo fez, mas não pegou no sono. Da meia-noite para uma hora, o velho, que estava com muita fome, disse à mulher que lhe fosse fazer um mingau.

A mulher levantou-se e foi de ponta de pé para a cozinha, para Pedro não se acordar. Estava muito ocupada fazendo o mingau, quando Malasarte, que tinha ouvido o pedido, perguntou o que era aquilo. “É um pouquinho de barrela que estou fazendo”. respondeu ela para disfarçar. Pedro não teve dúvida. “Então ainda não lhe botou todas as matérias”, disse ele; e zás! botou um punhado de cinza no mingau. A velha ficou desesperada, mas não disse nada, e contou ao marido o que tinha se dado.

Meia hora depois, o velho, que estava danado de fome, disse à mulher que fosse e esquentasse no rescaldo alguns ovos, debaixo do borralho, para Pedro não dar fé.

A mulher assim fez, e quando chegou Malasarte, que tinha ouvido tudo, ela disse que estava esquentando fogo.

Pedro puxou uma conversa, e disse: “Então enquanto minha tia se aquece, eu vou contando a história de minha vida.” E pôs-se a contar que o pai tinha morrido deixando uma porção de filhos, e para todos só deixou umas cem braças de terra (e, falando fazia com um cacete uns traços em redor do fogo, para indicar o terreno); aí todos os filhos trataram de dividir a terra, e foi quando começou a desavença: um queria por aqui,

outros queriam por ali (e Pedro ia fazendo os riscos); então ele, que não era de meias medidas, zangou-se muito com a tal massada, e disse aos irmãos que não havia de ser por aqui, nem por ali! Pedro, neste ponto, fingiu-se exasperado e pôs-se a dar muitas pancadas com o cacete pelo meio do borralho, e quebrou os ovos. A velha ficou ainda mais desesperada com a tal história, e foi contar ao marido.

O velho, que já não aguentava a fome, lembrou-se então de enrolar-se num couro de boi e ir comer uvas numa parreira que tinha no quintal.

Porém Malasarte, que nem o diabo lhe botava cinza nos olhos, saiu devagarinho atrás do velho, e quando o viu a comer as uvas, deu-lhe cacetadas de cego, até derrubá-lo, bradando: “oh boi do diabo, queres acabar com a parreira de meu tio!?” Só depois de levar muitas cacetadas o velho pôde se desembrulhar do couro, e então Pedro cessou logo de malhar o cacete, dizendo muito admirado: “Ora!... o meu tio quis experimentar se eu dava conta do meu serviço? Está o que aconteceu!”

Quando amanheceu o dia, o velho disse que não o queria mais ao seu serviço, e Malasarte recebeu o jornal e tirou uma correia das costas do velho, que foi a última vez que fez tal negócio.

X

A cobra e o imbuá¹ (ALAGOAS)

Quando Nosso Senhor, no começo do mundo, fazia coisas bonitas, como os pássaros e outros animais, o diabo, que estava de parte, fazia bichos feios, e venenosos, como a cobra, o sapo, os morcegos, etc.

Desta forma, quando Deus fez o imbuá, que é um bichinho inocente e serve de remédio², e que não teve pernas, o diabo fez a cobra e deu-lhe uma imensidade de pernas. Assim mesmo, o imbuá andava mais ligeiro do que a cobra, que mal se arrastava. Mas vendo o imbuá, a cobra teve inveja das pernas do tal bicho, o que desagradou a Deus. Então Nosso Senhor, para castigo, fez com que as pernas da cobra passassem para o imbuá, que hoje só muito devagar move tantas pernas, ao passo que a cobra, logo que se viu sem elas, deu para correr.

XI

O cachorro, o gato e o rato (ALAGOAS)

Quando Deus fez o mundo e criou os animais, deu uma carta de liberdade ao cachorro, que recebeu a carta e deu ao gato pra guardar.

1 *Lulus terrestris* (Fam. Lululas) tem comprimento 12 a 15 linhas, e 64 a 90 pares de partas.

2 O povo faz dele emplastro, que aplica em quebraduras.

O gato escondeu a carta num telhado. Quando foi mais tarde, que o homem saiu cativando os bichos brutos, quis cativar também o cachorro, que logo disse que tinha carta de liberdade, e foi buscá-la, por que o homem disse que queria ver. Quando pediu a carta, o gato foi ao telhado e não achou: procurou por todos os cantos, e só encontrou uns taquinhos dela muito miúdos nuns ninhos de rato.

Quando voltou e contou o caso, o cachorro foi-lhe com as unhas e os dentes, que o gato, ligeiro como é, assim mesmo quase que morre. Daí em diante o gato deu pra não poupar o causador daquilo e aí está porque o cachorro é inimigo do gato e o gato do rato.

XII

O carrapato¹

(ALAGOAS)

De primeiro o carrapato, que tinha os seus possuídos, botou uma venda e pôs-se a negociar. Não tardou que tivesse uma grande freguesia, porque o tal negociante não fazia questão de vender fiado. Desta forma cada vez foi tendo mais freguesia, mas o diabo era que não ia recebendo os pagamentos. Tanto vendeu, no final de contas, até que quebrou, e aí tratou de receber o que lhe deviam. Pôs-se a procurar os devedores por todos os meios e modos, e nada; chegou a ficar abandonado o caminho da venda. Ele então, que já não possuía outros recursos, e que tinha tantos devedores que não os conhecia mais, saiu cobrando de todo o mundo.

1 Insecto Anophuros Ricinus.

Está porque tal bichinho não vê ser vivente, que não se agarre com ele.

XIII

A garça preta (ALAGOAS)

Era uma feita um reino, e havia no reino um buraco, que o rei mandou muitas vezes os pedreiros tapar, e de todas as vezes amanhecia o buraco destapado. Afinal o rei se desenganou, e pegou em mandar pessoas ir ver se davam com o fim do buraco, e acontecia que as pessoas que iam não voltavam mais. Já fazia tempo que o rei tinha deixado também disto, quando o filho de um ferreiro, estando conversando com outros rapazes, disse por brincadeira que se fosse ele ia ao fim do buraco e voltava para dar notícia. Foram logo dizer ao rei o que o filho do ferreiro tinha dito, e o rei mandou chamá-lo e perguntou: “Tu disseste que te atrevias a ir até o fim do buraco e voltar para dar notícia?”. “Senhor, eu disse isto foi brincando, mas se o rei meu senhor manda, eu irei e tenho esperança de voltar e dar notícia.” Então o rei disse a ele que se aprontasse e fosse, e o rapaz no outro dia bem cedinho chegou no palácio com um surrão nas costas. O rei foi também até a entrada do buraco, e o filho do ferreiro, quando se encobriu do povo que o tinha ido ver entrar, avistou logo um campo e mais adiante um palácio muito grande e muito bonito, e caminhou para ele com vistas de se informar. Chegando no palácio achou as portas abertas, mas não viu uma só pessoa; bateu na porta, chamou, foi o mesmo que nada.

Então subiu até o segundo andar sem lhe aparecer nin-

guém, e deu num salão, onde havia instrumentos de todas as qualidades e o mais que era necessário, e encostou o surrão num canto e pôs-se a tocar um bocado de música nos instrumentos. Depois pegou num livro, deitou-se numa rede que estava armada e pôs-se a ler.

Quando foi hora de almoço, ouviu umas pisadas em direitura da rede, mas não descobriu ninguém e só viu uns manguitos amarelos chegar junto da rede e voltar. Daí a pouco ele ouviu ainda as pisadas e estes manguitos chegar e voltar de novo. Na terceira vez ele levantou-se e acompanhou os manguitos, e encontrou uma mesa que estava atupetada de toda a espécie de manjar. Ele almoçou e voltou para a sala.

Na hora de jantar tornou a ouvir as pisadas e a ver os manguitos, e encontrou a mesa posta; quando anoiteceu, ceou da mesma maneira.

Na hora de dormir ouviu as pisadas e viu os mesmos manguitos amarelos chegar perto dele com uma luz e voltar. Ele acompanhou e entrou num quarto, onde estava a cama pronta, e achou água para banho e roupa para mudar, e uma luz em cima duma mesinha. Tomou banho, vestiu a roupa que estava no quarto e deitou-se.

Assim que se deitou, a luz se apagou, e ele ouviu logo umas pisadas e o que dava as pisadas tirar sete saias e se deitar no canto da cama; ele ficou com medo, e passou a noite que nem se boluiu.

No dia seguinte ele continuou a ouvir as pisadas e a ver os manguitos, mas os manguitos desta ocasião em vez de ser amarelos eram azuis, e passou como no dia anterior.

De noite, quando chegou no quarto, encontrou as mesmas coisas, mas se o quarto da noite passada estava bem preparado, o desta noite ainda estava mais. Tomou banho, mudou a

roupa, e quando se deitou e a luz se apagou, ouviu logo umas pisadas e o que dava as mesmas pisadas desatar sete saias e deitar-se no canto da cama.

Esta noite ele se moveu e teve vontade de saber se era gente que acabava de se deitar, mas ficou nisto.

Amanheceu o dia e ainda continuou a ouvir pisadas, mas neste dia em vez dos manguitos ser dos amarelos ou azuis, foi dos manguitos verdes. De noite, quando chegou ao quarto, se o da noite passada era de muito luxo, o desta dizia arreda, e era de muito mais. Depois de tomar banho, vestir-se e de se deitar, ouviu pisadas, e quem as dava desatou sete saias e se deitou no canto da cama.

Ele disse consigo que esta noite havia de saber o que era aquilo, estendeu o braço e encontrou uma pessoa, que reconheceu ser uma moça. Quando amanheceu o dia, ouviu tocar clarim, tambor e mais instrumentos, e chegando a uma janela viu que estava numa grande cidade.

Esteve ainda uns dias no palácio e ao depois disse à moça que queria ir ao reino donde tinha vindo. A moça fez oposição a isto, mas ele insistiu, dizendo que tinha prometido voltar. Ela foi e disse:

“Está bom. Toma estas três rosas e entrega ao teu rei, mas dize que só viste um jardim donde tiraste estas três rosas, e não digas nada a ninguém. Toma ainda bem sentido, se fores à casa de algum parente ou amigo, de não te entreteres até o cavalo rinchar três vezes, que então estará tudo perdido.”

No outro dia, logo de manhã, o moço viu na porta um cavalo muito bonito e muito bem arreiado, preparou-se, montou a cavalo, chegou no reino e foi logo entregar ao rei as três rosas.

O rei conheceu que no reino dele não havia daquelas rosas, e perguntou o que tinha visto mais, e o moço respondeu que

somente o jardim onde achou as rosas, e despediu-se para ir à casa do pai.

Chegando lá, assim que a mãe o viu, ficou muito contente, sentou-se, deitou a cabeça dele na perna, e pôs-se a catar pio-lhos e a fazer uma porção de perguntas

Neste entrequanto o cavalo rinchou e ele quis levantar-se para ir-se embora, mas a mãe pediu-lhe que conversasse mais um bocadinho.

O cavalo depois tornou a rinchar, e o moço quis ir-se embora, mas ainda demorou-se, e já ia pegando no sono quando o cavalo rinchou pela terceira vez. Nisto ele se levantou, e viu que o cavalo já estava enterrado até o meio da barriga. Ele suspendeu o cavalo, montou-se, e quando chegou no outro reino só viu o palácio. Entrou. Quando chegou na sala ouviu uma voz que disse: “Ah! ingrato, que me dobraste o encanto por toda a vida. Só o que via era o seu surrão, que estava no canto onde tinha botado. Deu garra do surrão, e foi para a escada para sair, mas não viu escada nem mais nada por onde pudesse descer. Pensando em ficar sozinho naquele palácio até morrer de fome, lembrou-se de rasgar o surrão e a roupa e fazer uma corda para descer por ela.

Fez a corda e foi descendo, até que, chegando ao fim da corda, salta em baixo e leva um bom quedaço. Levanta-se e vai procurar saída para o outro reino, mas não acha. Ficou ali naquele deserto. Um dia andando pelo campo, avistou três caboclos e dirigiu-se para a banda deles. Mas os caboclos, assim que o viram, arrancaram na carreira e o moço correu atrás. Os caboclos, assim que andaram um bom pedaço, esbarraram, mas vendo que o moço os seguia, tornaram a correr. Adiante esbarraram outra vez, e vendo o ainda o moço, vai um diz: “Ora, homem, ele é um só e nós somos três. Vamos ver o que

ele quer.” E esperaram. Quando o moço chegou, contou o que lhe tinha acontecido, e um dos caboclos lhe disse que não sabia de saída nenhuma para o reino dele, e que, a respeito do que lhe tinha acontecido, achava impossível que ele ainda conseguisse o que desejava, mas que tomasse o arco e as flechas que lhe dava e fosse aprender a atirar muito bem, que daí a um ano eles voltavam. O rapaz assim fez. Quando passou-se um ano, voltaram os caboclos, e o que tinha falado perguntou ao moço se já atirava bem, e ele respondeu que já.

Diz o caboclo:

“Pois bem, vamos ver.” Foi e botou um ovo de passarinhos em cima de um toco, e mandou ele atirar da distância de uma légua para ver se partia o ovo. O moço atirou, e a flecha passou na distância de mais de uma braça. O caboclo falou: “Ainda não está bom vá se exercitando mais, que daqui a um ano nós apareceremos de novo. No fim do ano o mesmo caboclo botou outra vez o ovo de passarinho em cima de um toco, e quando a rapaz atirou da mesma distância, a flecha faltou pouco para quebrar. O caboclo disse que ainda não estava bom e o moço ficou de novo aprendendo a atirar, e no fim de outro ano quando atirou da distância de uma légua, a flecha partiu o ovo pelo meio. Vai o caboclo e diz: “Agora já arremedeia. Amanhã antes do meio-dia você se ponha detrás de uma moita junto daquele açude: ao meio-dia há de vir um bando de garças brancas, e você deixe elas beber; quando elas, voarem há de vir um bando de garças pardas, depois de beber hão de voar; aí hão de vir três garças pretas, e quando acabar de beber, duas voam e vão-se embora, e uma que tem um colar no pescoço e um coraçãozinho preso no colar, há de ficar se peneirando no ar: você atire neste coração e veja que não erre; que a garça é a moça de quem me falou.” O rapaz no dia se-

guinte foi, e viu chegar as garças brancas, que beberam e voaram, vieram depois as garças pardas, e depois que beberam, ele de impaciente, espantou-as: vieram então as três garças pretas, e quando acabaram de beber duas voaram e foram-se embora, e a que tinha um colar, e no colar um coraçãozinho, ficou peneirando-se no ar. O moço fez alvo no coraçãozinho, disparou a flecha e caiu com um desmaio. Quando voltou a si estava deitado no colo de uma princesa tão bonita, que ficou pasmado. Casou-se com a princesa e houve uma grande festa.

Entrou por uma porta e saiu por um vintém; manda dizer rei meu senhor que me conte cem.

XIV

O melado

(PERNAMBUCO E ALAGOAS)

Um português possuía um cavalo melado; mas como pouco havia que estava no Brasil; ainda não sabia que esse era o nome da cor do seu cavalo.

Uma ocasião some-se o cavalo do pasto, e ele embrenhou-se nos matagais o procurá-lo. Depois de andar bastante encontrou um menino: ele.

— Biste por aí o meu cabalo? perguntou-lhe ele.

— Acolá adiante encontrei um cavalo melado, respondeu o pequeno, agora não sei se é de vosmicê.

— Há de ser esse mesmo, responde meio alegre, meio zangado, o dono do animal; mas quem diabo terá sido que melou o meu cabalo?!...

XV
O gato escaldado
(PERNAMBUCO E ALAGOAS)

Um dia um velho tinha-se perdido na mata, quando foi encontrado por uma onça, um gato e um cachorro, que andavam caçando. Como estava magro, os bichos combinaram não matar o velho e levá-lo para casa como criado, e foram com ele para uma grota que tinha daí a umas tantas léguas no pé de um serrote. O velho foi servindo aos bichos, até que se aborreceu e resolveu dar cabo dos amos para ir-se embora. Pondo mãos à obra, uma ocasião que o gato estava em casa dormindo e os outros bichos andavam fora, o velho vigiou água fervendo e despejou em cima do gato, que no mesmo instante acordou-se e saiu aos pinotes, que saiu danado.

Mas tarde chegou a onça, entregou ao velho um quarto de veado para cozinhar, e depois de perguntar pelos outros bichos foi dormir. Quando o velho viu a onça ferrada no sono (não teve dúvida), deu garra de um cacete bem pesado, foi devagarinho, e descarregou-lhe uma cacetada na cabeça com tanta força, que a onça saiu com os dentes quebrados e aos pulos, dando com a cabeça por paus e por pedras que fazia dó.

Passado outro bocado de tempo apareceu o cachorro, que fez a mesma pergunta e entregou um quarto de paca, e foi-se deitar. O velho pôs um espeto de ferro no fogo, e quando o cachorro pegou no sono enfiou-lhe o espeto duma forma, que o cachorro se desesperou na carreira arrastando o traseiro pelo mato afora.

No outro dia os três bichos se encontraram, e o gato vendo a onça com a cabeça ferida, perguntou: “O que foi que lhe aconteceu, comadre onça?” A onça respondeu: “Foi que eu

ontem estava dormindo, e acordei de supetão com uma dor de cabeça e uma dor de dente tão danada, que saí doida.”

Nisto disse o cachorro que tinha se deitado, e quando se acordou foi com uma dor de barriga de todos os diabos.

“Pois eu também, disse o gato, estava dormindo e me acordei com a pele me ardendo tanto que parecia que estavam me esfolando vivo, mas não foi senão água quente, porque saí pingando...” Aí, pondo-se os bichos a imaginar, acabaram descobrindo que a causa de tudo aquilo tinha sido o velho, e para ver o que deviam fazer ajustaram primeiro que o gato fosse espiar o que o velho estava fazendo. O gato foi e a curta distância da casa escondeu-se atrás de uma moita, vendo se o tal criado aparecia. Daí a pouco o velho saiu para despejar fora um bocado d’água, que desta vez era fria como água do pote, e sem pensar mesmo que o gato estava por ali, deu uns passos para o lado da moita. O gato ficou logo alerta, e mal o velho fez menção de atirar a água desandou para trás, que foi-se desunhando. Quando chegou onde estavam os outros bichos foi dizendo que aquele velho era endemoniado, pois, apesar de ter ido bem escondido ele dentro da casa viu tudo e atirou-lhe outra vez água quente.

Os outros bichos não quiseram saber de mais nada, e foram para bem longe. Agora fiquem sabendo porque se diz que gato escaldado de água fria tem medo.

E por esta lição,
Que vale a croa real,
Só quero que me contem
Uma história igual

XVI

O português e os maribondos. (PERNAMBUCO E ALAGOAS)

Regressando ao lugar de seu nascimento, disse em conversa um português a outro que no Brasil havia um bichinho valentão chamado maribondo, tão pequeno que era de admirar que fizesse medo.

— Ora, homem, respondeu o outro, pois eu não tinha medo. Quando eu chegar lá hei de ver isso, e te contarei então.

Dito e feito. Logo que teve ocasião, o português um dia armou-se bem e dirigiu-se a uma casa de maribondos.

— Mostra lá agora para o que vales, disse ele partindo a casa dos bichinhos.

No mesmo instante uma nuvem de maribondos envolveu-o, e o homem não teve mãos a medir, matando-os. Mas com poucos segundos, não aguentava mais o suplício.

— Assim não quero eu, isto não é valentia! pôs-se então a exclamar. Venha de um em um, e não de punhados!...

XVII

Furundongo (ALAGOAS)

Diz que um homem tinha um filho, e quando morreu deixou poucos haveres. O rapaz em pouco tempo gastou tudo, e quando se viu sem nada lembrou-se de rever uns papéis velhos que o pai tinha deixado, para ver se encontrava alguma coisa de valor.

Depois de ter visto muitos papéis que nada serviam já pensava que não encontrava nada que prestasse, quando deu com uma escritura, e pôs-se a ler. Aí fica um pouco admirado, e pôs-se a pensar: O que quer dizer isto? Eu nunca conheci o meu pai com escravo. E que nome... E diz alto: Furundongo!

Quando o moço diz “Furundongo”, aparece logo um molecote, e responde: “Inhô?” — “Ah! É você o Furundongo?” — “Sim sinhô.” O rapaz perguntou ao moleque se estava disposto a servi-lo, e o moleque respondeu que estava. Então foram correr mundo, e deram em outro reino, cujo rei tinha uma filha, e ficaram morando.

Quando foi um dia, Furundongo perguntou: “Sinhô porque não se casa com a filha do rei? Vai o rapaz e diz: “Tu estais doído, Furundongo?” — “Ora. sinhô; pois sinhô se prepare, que eu trago hoje a filha do rei.”

Furundongo saiu, e quando foi perto de meia-noite veio com a filha do rei e entregou ao senhor. Na noite seguinte a mesma coisa, e assim se passaram umas quatro ou cinco noites. A moça tinha receio de contar ao pai o que acontecia, mas sempre se resolveu, e disse ao rei que de noite, quando estava deitada, vinha uma coisa e a carregava para outra casa.

O rei mandou chamar os seus ministros e deu audiência, e expôs aos ministros o caso que a filha lhe tinha contado. Os ministros aconselharam ao rei que mandasse a filha se prevenir de um giz, e quando o quer que seja fosse saindo com ela da tal casa, a moça fizesse um risco no portal, para se saber em que casa entrava. O rei disse isto a filha, e na ocasião que Furundongo ia outra vez levar a princesa para o palácio, ela fez um risco no portal.

Quando Furundongo voltou para casa, viu o risco, e pegou num giz e passou um risco da mesma forma no portal das ou-

tras moradas. O rei sabendo que as casas tinham amanhecido todas com um risco, mandou outra vez chamar todos os ministros e dá audiência e expõe o que tinha sucedido. Os ministros disseram então que isto era arte do diabo, e que a princesa de outra vez fizesse uma cruz no portal. Assim mesmo fez a princesa, e quando Furundongo viu a cruz ficou no meio da rua muito espantado, até que o rapaz se levantou. Então disse ao senhor que estava perdido, e que ele não teve jeito que dar porque a princesa tinha feito um garrancho no portal, que até lhe fazia medo entrar na casa.

Os criados do rei já andavam procurando a casa que tinha a cruz e descobriram, e o rei mandou prender o moço. Furundongo, quando o senhor estava preso, foi a grade, e o rapaz pediu-lhe que o soltasse. O moleque respondeu que só soltava se ele lhe desse a sua carta de alforria. O rapaz disse que o soltasse, que ele dava a carta, mas Furundongo respondeu que queria receber a carta primeiro.

O rapaz fez logo a carta, e quando o moleque recebeu, pôs-se a dar saltos e a soltar muitas gargalhadas, dizendo que isto mesmo era o que queria e não se importava que ele fosse enforcado. O rapaz pensou então no que tinha feito, e vai e diz: “Furundongo, dá cá a carta, que ainda falta uma coisa.” Furundongo diz: “Eu daria!” — “Pois a carta não serve, que ainda falta a assinatura...”.

O moleque ouvindo isto, entregou a carta para ele assinar, e o rapaz, assim que recebeu, tocou fogo e disse a Furundongo: “Pois sim, não te forro mais!” Furundongo disse: “Me forre, que eu faço sinhô casar com a filha do rei.” — “Agora só depois de Casado.” Então o moleque foi se pôr em frente do palácio do rei, e mandou que chovesse pólvora. Quando já tinha pólvora na cidade toda que dava pela cintura, Furundon-

go soprou no dedo, e o dedo ficou em brasa. Aí disse ao rei que se não casasse a filha com o senhor, ele acabava com a cidade. O rei mandou buscar a toda a pressa o preso, e o rapaz casou-se com a princesa.

CANTOS POPULARES

I

ABC do vaqueiro (PERNAMBUCO)

Agora, música minha,
Toma tema pra glosar
Sobre a vida do vaqueiro
Já lhe quero relatar.

Bem conheço já por mim,
Que também vaqueiro sou,
Que o aperto dos sapatos
Só sabe quem os calçou.

Chegado o tempo de inverno
Se entrega ele as vaquejadas,
De continuo vão levando.
Encontros, quedas e pancadas.

Desta sorte vão passando
Sempre com a vida incerta,
E quando montam a cavalo
Fica a sepultura aberta.

.....

.....

Falem todos os vaqueiros
Certifiquem o que eu digo:
Se sempre de ora em quando
Não se veem nesse perigo.

Grita um pobre vaqueiro
Neste labutar eterno.
Que parece um condenado
Que grita lá nos infernos.

Homem que tiver vergonha,
Vaqueiro não queira ser,
Que estas fazendas d'agora
Não dão bem pra se comer¹

Infernado de continuo
Desesperado, sem juízo,
Quando entra n'u'a fazenda
Nunca lhe falta inimigo.

.....

.....

¹ Esta quadra coincide com a correspondente letra H no ABC do vaqueiro em tempo de seca, que se encontra nos Cantos Populares do Brazil. O que vai publicado coligi no sertão de Pernambuco, a 7 léguas da vila de Papa-caça.

Labutando em tal serviço,
Sem ter nele um só descanso:
Se quer tirar um bezerro
Há de ser prudente e manso.

Mas apenas canta o galo,
Muitas vezes neblinando,
Logo vai para o curral
Os bezerros arreando.

No curral exposto ao frio,
Da vaca puxando os peitos,
Levando coices e pancadas,
Estes são os seus proveitos.

O dono destas fazendas,
Em que o vaqueiro martiriza,
Se é de darem-lhe a mão
Querem tirar-lhe a camisa.

Patente é o que digo,
Por mim mesmo experimentado:
Quanto mais nos mortificamos
Mais depressa somos logrados

.....

.....

Regalo do pobre vaqueiro
É leite, coalhada e queijo,
E quando isto se acaba
Outro regalo não vejo.

Sifra que não vale nada,
De que me serve este gosto
Que bem depressa se acaba,
Fica o mesmo desgosto.

Traja só vestes de couro:
Gibão e guarda-peito,
Chapéu, sapato e perneiras:
Vejam lá que belo enfeito!...¹

Um vício não pode deixar
O vaqueiro de não ter,
Ou o cachimbo ou o cigarro,
Sinão não quer endoidecer.

.....

.....

Zôa uma voz pelo mundo
Que dá lucro a vaqueirice,
Mas fica o vaqueiro velho
Sem ter nada na velhice.

¹Enfeito.

II
ABC do inverno nas matas
(PERNAMBUCO)

A internada nas matas
É pior que uma prisão:
Adoece, aperreia e mata,
Já não é assim o sertão.

Bestas, vacas e ovelhas
Morrem todas resfriadas,
As próprias caças e abelhas.
Morrem várias atoladas.

Com o princípio do inverno
Os ares ficam medonhos,
As noites é um próprio inferno
Passa-se todas em sonhos.

De lamas águas e atoleiros
Ficam os sítios cercados;
Atolam os próprios terreiros,
Não se pode andar amontado.

É com u'a grande alegria
Que do sol se vê a cara,
Isto no mês um só dia,
Pois é coisa muito rara.

Frieiras, friezas e sezões
Custa pouco se adquirir,
Hidropesias e inchações
São coisas que já fazem rir.

Grandezas de amarelos,
Isto é coisa de sobra,
Pois nos meses de inverno
São amarelas até as cobras.

.....

.....

I quando o dia amanhece
Não canta um só passarinho,
Às próprias aves aborrece
A frialdade nos ninhos.

Já ao depois de nove horas
E que se vai ao roçado:
Perca-se o dia embora
Só se vai bem almoçado.

Cágado d'água e gias
Não escapam aos tais moços,
E outras mais porcarias
Se compõem os seus almoços.

Lesmas, ostras e estas coisas
Todas vão caçar na praia
Nas matas caçam preguiças
E frutas de sapucaia.

Mulheres, moços e homens
Todos falam do sertão.
Somente porque lá não comem
Sarapós e camarão.

Não há bicho que compare
Com as mulheres da praia,
Pois costumam quando parem
Comerem a maldita arraia.

Os ricos na mesa botam
A ilustrada ceará,
E dizem que dela gostam
Para assim se desculpar.

Peixes feios e horrendos,
Como o mossú e moreias,
Que quem vê fica tremendo,
Pois não há cobras tão feias.

.....

.....

Raposas e gato do mato
Não são como os do sertão;
São magros têm carrapatos,
São tolos e moleirão.

Sapatos, isto não se usa,
Só se calça os tais tamancos;
Não se anda sem levar chuva,
Disto não nos livra os santos.

Trovões e as trovoadas
Não são como as do sertão,
São as mais feias zoadas
Só parecem uma visão.

Us bichinhos todos sofrem
Frieiras e mais mazelas,
Quase todos têm tosses,
Manqueiras e erisipelas.

Veados, tatus e preiás
De magros pega-se a mão,
E as mais caças que lá há
Não prestam pra nada não.

Xupando em seus cachimbos
Vivem continuamente.
Homens, mulheres e meninos
E passam os dias contentes.

Zangado vive o sertanejo
Quando vem morar na praia:
De pisar na lama tem pejo
Não come moreia e arraia.

Til (~) é letra derradeira
Nela quero concluir,
Que estou cheio que frieiras
Que me empata de dormir.

III
Fuja, povo do sertão¹
(PERNAMBUCO)

— Oh, amigo de Leandro!
Que em parte somos irmãos,
Vamos este assunto
Fuja, povo do sertão.

— Meu mestre Nogueira Velho,
Rompa adiante que eu o acompanho,
Dê talhos como quiser
Que eu dou do mesmo tamanho.

— É preciso nos mudar
Do sertão onde moramos,
Terra que nós adoramos,
Minha pátria natal,
Mas pensando em beira mar
Me entristece o coração
Sinto dor, sinto aflição,
Mas nesta terrível seca
A fome é mais que peca
Fuja, povo do sertão.

— Meu sertão é muito amável,
Seu clima muito sadio,
Entre o calor entre o frio

1 A propósito da seca de 1877.

Tem um ar muito saudável,
Mas nesta seca implacável
Todos façam arrumação
A cavalo, a pé no chão,
Arrumem as suas malotas
Que tudo está em derrota,
Fuja, povo do sertão.

— Do sertão já arribou
A rolinha pajaú.
A rola jaracuto,
Também a fogo-pagou,
Canario, e beja-fulô,
Marrecos e mergulhão
Sofrer, concriz, azulão,
Até as cobras e feras;
Quem vê isto o que espera?
Fuja, povo do sertão

— Só se ouve cantar coan,
Não se vê um só preá
Mocó, tatu, tamanduá,
Aza-branca arrebaçam,
Papagaios e maracanan,
Pato, socó e carão
Já fizeram arribação.
Só se vê em Pajeú
Mosquitos, moscas e urubu
Fuja, povo do sertão.

— Meu Deus, grande é o pecado
Deste povo que é teu.
Morto a fome que nem eu
Roto, nu, e esfarrapado,
Em casa nem um bocado,
A procurarem em vão
Na terra, no duro chão
Raiz de pau e semente,
E a morrer muita gente.
Fuja, povo do sertão.

— Frutas de mucunan,
Xiquexique e colé,
Feijão brado e catolé,
Macambira, imburiatan,
Ou pau ou pedra, ou cariman,
A parreira¹ e o guardião,
Comendo disto todo o dia
Causa então hidropesia,
Fuja, povo de sertão.

— Marchemos a encarar
Entre mil epidemias,
Frialdade e hidropesia.
Que ninguém pode escapar;
Deus do sul é Deus de cá,
Deus do nosso pai Adão,
Deus de Jacob, Deus de Abrahão,
Deus que a todos alumeia,

1 Parreira brava.

Corremos que a morte é feia,
Fuja, povo do sertão.

— O homem que Deus lhe deu,
Bens para se remir
Inda pode resistir,
Não um pobre que nem eu.
Oh, Nossa Mãe, Mãe de Deus!
Oh, Mãe de consolação!
Dai-nos a chuva, dai-nos o pão,
Dai-nos a planta que dá massa¹
Que nós estamos em desgraça,
Fuja, povo do sertão.

— Deus o Egito castigou.
E todo o povo teve abrigo
Nos sete anos de castigo
Dali ninguém se mudou:
Faraó isto sonhou,
Tirou José da prisão
Dele fez um capitão
Que o povo todo salvou,
Mas sem um tal protetor,
Fuja, povo do sertão.

— Por toda parte flagela
A fome e a sede inclemente,
E a desgraça é já na gente
Que nuas descem as donzelas

1 Mandioca

Mortas a fome e amarelas,
Sem amparo e proteção,
Com as vistas pelo chão,
E as lágrimas lhe correndo,
Aos que encontram dizendo:
Fuja, povo do sertão.

— A fome é tão canina,
Que ainda sabeis isto quer
Em Pombal uma mulher
Já comeu uma menina!
No sertão de Teresina
Come-se raposas e cão,
Burros e gavião,
Cobras, lagartas e gias....
Oh, meu Deus quem tal diria!
Fuja, povo do sertão.

— Nós não temos que fazer
Neste termo de amargura,
Só Nossa Mãe Virgem Pura
É quem nos pode valer.
Devemos pois recorrer
Aquele imenso Jesus
Que por nós morreu na Cruz;
Que vá Ele em nossa guia
Livrando-nos da epidemia
Para sempre Amém Jesus.

DESCRIÇÃO

A doação (ALAGOAS E PERNAMBUCO)

Um uso dos nossos sertanejos e campônios, rude e sincera prova de dedicação e amizade, que fazia lembrar os excelentes tempos patriarcais, era o que aqueles punham em prática em razão dos noivados. Era dias depois das danças e pagodes do costume.

Diremos algumas palavras sobre esta primeira homenagem.

Em quanto uns dos amigos, por disporem de pequenos recursos, dirigiam-se na véspera ao lugar em que tinham de residir os noivos, e onde já se tinham feito grandes preparativos para a hospedagem, outros, mais abastados, iam a cavalo para a vila no dia designado, e após o consórcio acompanhavam os recém-casados ao seu domicílio.

Em um soberbo cavalo russo ia o noivo, a esposa à garupa, e um luzido cortejo de cavaleiros ocupava vistosamente uma grande extensão da estrada.

Terminava o cortejo o indispensável cantador, sempre conduzindo a viola e improvisando versos. Via o inspirado

cantor um grupo de moças e rapazes que ao lado da estrada assistia ao desfilar do cortejo; logo elevava voz:

Os noivos saem da igreja
Cheirando a bogarim,
Deixem de inveja, meninas,
Que inveja perdeu Caim.
Vou-me embora, vou andando,
Vou seguindo meu caminho,
Pois estou ouvindo suspiros
De alguém por seu benzinho.

Se via algum preto em caminho, lá cantava uma quadra mordaz:

Branco é filho de Deus,
Caboclo é seu irmão,
Cabra ainda é parente,
E negro filho de cão.

Quando chegava o alegre bando à residência dos noivos, um outro numeroso grupo de festeiros recebia-os com efusivas saudações, espoucar de foguetes e salvas de ronqueiras.

Tal cortejo, assim rapidamente esboçado, e tão digno da pena do escritor que, com tanto primor, tem sido quase o único a escrever sobre as tradições nacionais em forma descritiva, o Dr. Mello Moraes Filho, tal cortejo, dizíamos, modificava-se quando o casamento era de pessoas abastadas.

Como em tal caso o consórcio celebrava-se em casa dos noivos, era o vigário que vinha acompanhado dos convidados residentes na vila e de parentes e amigos dos contraentes.

O venerado sacerdote, já satisfeito por ter de receber uma boa quantia pela administração do sacramento, propositalmente saía cedo, com um pequeno mas seletto cortejo, pois bem sabia que em diversos pontos do caminho era esperado para fazer batizados, com o que lhe adviriam outras boas esportulas.

Embora, portanto, fizesse diligência para chegar cedo, sempre se demorava bastante, com o que fazia os festeiros, que o esperavam, interrogarem-se se o vigário viria ou não naquele dia. Assim, quando alguém o avistava e dizia — lá vem o *seu* padre — essa incerteza era substituída por um geral contentamento, e o sacerdote era recebido com entusiasmo.

Celebrado o casamento, seguia-se a festa, sendo então praxe não cantarem ao desafio os violeiros. Estes começam afaivelmente uns prelúdios:

— Amigos e camaradas,
Vamos hoje aqui mostrar
Em versos bem consoantes
O nosso dom de cantar.

— Mostrarei a esta gente
Todo o meu valor e brio,
Embora hoje não vença
Cantadores em desafio.

Antes que estes prelúdios se transformassem em desafio, que sempre fazia os cantores se ameaçarem, algum dos parentes mais próximos dos noivos conseguia que os violeiros se ocupassem de outras cantigas, como abecês e romances. Era também muito frequente a presença dum dançarino de corda,

indivíduo conhecedor dessas paragens, que muito divertia as pessoas presentes mesmo com a narração de contos, durante a qual imitava numa rabeca, que sabia tocar de orelha, as vozes de diversas aves e animais. Dançava-se também com grande animação.

Depois de um lauto almoço no dia seguinte, era que os convidados tratavam de regressar às suas casas, ficando asentado que daí a oito dias se reuniriam todos com suas ferramentas para a grande derruba e broca do roçado que devia pertencer aos noivos, o que constituía a doação.

Na véspera do dia marcado vinham chegando os doadores, munidos de machados e foices.

Quando era noite o lugar tomava a semelhança de um acampamento de exército. No terraço da casa, e por toda a circunvizinhança, armavam-se redes; em toda a extensão do terreiro desenrolavam-se esteiras, que os trabalhadores ocupavam, entretendo-se em conversas até adormecerem.

No interior da casa, toda a noite desse dia era passada em assíduos labores, pois tinham de dar ceia e no dia seguinte almoço e jantar aos numerosos doadores. Para a boa ordem dos trabalhos atinentes à doação, havia um diretor, cujas ordens e instruções todos observavam, e que logo pela quebrada das barras do dia vinha para o meio do terreiro com um garrafão de aguardente, exclamando:

— Oh, gente dorminhoca! Venham a caninha! venham fechar o corpo e espalhar o sono!

Todos se erguiam. Um coité com aguardente passava de mão em mão, e voltava ao diretor, que o enchia novamente, recomendando-lhes:

— Ainda temos mais; porém não se enterrem muito nesta água não, que quando não mata maltrata.

Depois o diretor mandava uns vinte mais ou menos almoçarem logo, explicando que almoçariam por grupos, não só por falta de lugares à mesa, como também de pratos e talheres. Acabando de almoçar, o primeiro grupo ia logo dar começo à derruba. Afinal seguia o último, de que fazia parte o diretor. Assim antes das oito horas da manhã, mais de cem pessoas já se entregavam ativamente à derrubada.

Desta forma podia-se ver a rápida devastação de uma grande extensão de mata ou de espesso catingal onde floresceriam mais tarde o algodoal, o milharal e outras plantações.

A princípio espalhados por toda a extensão da área marcada, grupos movediços faziam-se notar pelas cantigas, pelos golpes dos machados, pelo varrer das foices, pela queda de pesadas arvores, pelos ecos que multiplicavam esse fragor.

No afã de logo reunirem-se, não diminuía nunca o vigor na derrubada, e os grandes vegetais tombavam, enquanto iam cantando os lavradores:

Machado bom não se amola,
Em cortar é que se afia,
Cortando braúna e pau-ferro
A qualquer hora do dia.

Não davam então importância a crença de que para o meio-dia conviria deixar o corte das madeiras resistentes por se acharem nessa hora mais brandas.

Era depois das doze horas da manhã, ou quando o sol descambava, na frase dos lavradores que os grupos se aproximavam. As duas ou três da tarde, já os doadores de um grupo conseguiam alegremente trabalhar cantando ao desafio com doadores de um outro grupo. Mais tarde, afinal, um indes-

crítivel entusiasmo, viva aos noivos, gritos de viva todos os presentes, alvoroçavam as pessoas encarregadas do jantar dos doadores, que assim anunciavam a conclusão da derruba. Conversavam depois os trabalhadores sobre o grande labor efetuado, que era para o mesmo pessoal só fazer em três ou quatro dias. Cada qual contava em seguida o seu episódio, e por fim, depois de meia hora mais ou menos todos voltavam a casa dos noivos, onde os grupos sucediam-se no jantar como o haviam feito no almoço, constituindo os primeiros os que nesse mesmo dia pretendiam retirar-se.

Oito ou dez dias depois ainda mandavam os fazendeiros vizinhos aos seus escravos que fossem fazer o encoivaramento do roçado, só ficando, portanto, ao proprietário o cuidado do plantio. Sendo a doação um prêmio as pessoas dignas de estima, não se fazia a doação aos que se casavam contra a vontade dos pais. Esse uso, hoje abolido, mostra que nenhum trabalho é pesado, desde que seja feito com satisfação.

BREVE OBSERVAÇÃO

Iniciando a publicação, das diferentes espécies de tradições que temos coligido, aparece hoje este pequeno subsidio ao estudo do nosso folclore.

Insistir em apresentar logo uma obra volumosa, seria retardar consideravelmente a realização da nossa despretensiosa empresa. Com tudo, as produções populares de que pretendíamos compor exclusivamente este volume, já reunimos outras mais, acrescentamos-lhe mesmo algumas poesias do povo, o que, não indo de encontro a índole do livro, torna-o mais variado.

Publicamos essas poesias do modo como são ditas pelo povo; e as anedotas e contos narramos da mesma forma. Não nos preocupamos com a divisão dessas produções pelo elemento europeu, pelo indígena e pelo africano e mestiço, adotada pelo ilustre autor dos *Contos Populares do Brazil*, porque ao leitor, em face da referida classificação, será fácil indicar a origem das mesmas tradições. Quando as anedotas particularmente, aventuramos algumas considerações.

Da rivalidade entre as raças estabelecidas no Brasil, devem ter resultado, ao ser usado o espírito como arma, as lendas

satíricas acerca de cada uma delas: as anedotas sobre portugueses, caboclos e africanos.¹

As anedotas sobre caboclos, denominação esta que compreende não só o indígena, mas ainda o descendente mestiço tanto do indígena, como do africano, vê-se terem sido sátiras que atingiram os aborígenes e também os mestiços, embora mais a uns do que a outros.

A criação das anedotas — é fácil deduzi-lo, tendo em atenção a cultura e a condição das diversas raças e excluindo, portanto, os africanos e indígenas deve-se aos brancos e aos mestiços: aos brancos, a criação das anedotas sobre africanos e caboclos, sendo talvez auxiliados por mestiços nas anedotas sobre africanos; aos mestiços também talvez auxiliados por brancos, a criação das anedotas sobre portugueses. Outra qualquer influência (como a dos mestiços em anedotas que se refiram unicamente aos aborígenes), a ter havido devera ter sido insignificante.

A muitas anedotas sobre caboclos e portugueses, e outras anedotas e contos e a diversas poesias populares, daremos publicidade em outro volume logo que nos for possível. Também o nosso intento é não deixarmos reduzir-se ao trabalho de coligi-las o apreço que desde muito votamos às fantasias populares.

1 Existem anedotas, menos espalhadas, sobre soldados, frades e estudantes, e algumas sobre ingleses tem-se tornado mais ou menos populares.

